



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA

**CAMINHOS E MOVIMENTOS: AS RELAÇÕES CONSTRUIDAS NO
PERCURSO DE VIDA DAS REZADEIRAS/REZADOR**

SÃO CRISTÓVÃO, 2025

EDISLAINE OLIVEIRA DOS SANTOS

**CAMINHOS E MOVIMENTOS: AS RELAÇÕES CONSTRUIDAS NO
PERCURSO DE VIDA DAS REZADEIRAS/REZADOR**

Dissertação apresentada ao Programa de
Pós-graduação em Antropologia Social da
Universidade Federal de Sergipe como
requisito parcial para obtenção do título de
Mestra em Antropologia Social.

Orientação: Prof. Dr. Roberto Cunha Alves
de Lima

SÃO CRISTÓVÃO, 2025

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**

S237c Santos, Edislaine Oliveira dos
Caminhos e movimentos: relações construídas no percurso
de vidas das rezadeiras/ rezador / Edislaine Oliveira dos
Santos ; orientador Roberto Lima. – São Cristóvão, SE, 2025.
102 f.; il.

Dissertação (mestrado em Antropologia) – Universidade
Federal de Sergipe, 2025.

1. Antropologia. 2. Antropologia social. 3. Curandeiras.
4. Relações humanas - aspectos religiosos. 5. Protagonismo. I.
Lima, Roberto, orient. II. Título.

CDU 572

EDISLAINE OLIVEIRA DOS SANTOS

**CAMINHOS E MOVIMENTOS: AS RELAÇÕES CONSTRUIDAS NO
PERCURSO DE VIDA DAS REZADEIRAS/REZADOR**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Sergipe como requisito parcial para obtenção do título de Mestra em Antropologia Social.

Orientação: Prof. Dr. Roberto Cunha Alves de Lima

Aprovado em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Roberto Cunha Alves de Lima (Presidente da Banca) Professor do Programa de Pós-Graduação em Antropologia (PPGA-UFS)

Prof. Dr. Luiz Felipe Kojima Hirano (Examinador Titular Externo) Professor do Programa de Pós-Graduação em Antropologia (PPGA-UFG)

Prof. Dr. Gabriel Rodrigues Lopes (Examinador Interno)

Prof.^a Dr.^a Ana Karina Calmon (Examinador Suplente) Professora do Departamento de Museologia (DMS-UFS)

AGRADECIMENTOS

Aos caminhos que me deram a oportunidade de retribuir, um pouquinho, as curas recebidas por essas mãos em diversas etapas da minha vida. Assim, agradeço profundamente a Seu Zé, Dona Zuzinha (em memória) e em especial, à minha avó, Dona Lauzina, por compartilhar memórias, momentos e movimentos.

À minha mãe e aos meus irmãos, com carinho único a Neninha, que sempre esteve ao meu lado.

Um agradecimento especial ao meu orientador, Roberto, pela paciência, pelo incentivo. “fia” sempre será ouvida com carinho.

À CAPES pela bolsa no Brasil e no exterior, no Projeto Abdias do Nascimento, que possibilitaram a realização da pesquisa no México, e ao CIESAS que me acolheu de maneira tão generosa.

Às amigas construídas durante essa temporada. À Dra. Renée, por aceitar me orientar nesse período.

Por fim, um agradecimento mais que especial a Javier, Leslie e Luis Alberto, por partilharem um pedaço de seus caminhos em tão pouco tempo.

Resumo

A pesquisa busca compreender o protagonismo de rezadeiras e rezadores em suas comunidades, investigando como suas práticas, articulam relações que atravessam a comunidade, a família, o dom e a natureza. Assim, Dona Lauzina, Seu Zé e em memória, Dona Zuzinha¹, são observados a partir de suas trajetórias e do modo como seus caminhos e suas casas se tornam pontos de encontro de linhas de vida (LEWITZKI, 2019). O trabalho dialoga com o conceito de personagem de Brandão (1982), que os destacam como agentes ativos na construção e reprodução de sua cultura, adentro o conceito de linhas de Ingold (2015) que relaciona as práticas cotidianas pessoas, objetos, lugares ou ao fazer. A partir da perspectiva de Lewitzki (2019) analiso das relações que são construídas pelos movimentos e o caminhar dos rezadores. Em continuidade, a pesquisa vai além do seu caminho inicial e olha para os mercados Corona e San Juan de Dios, onde foram acompanhados Leslie Belmonte, Javier Salazar e Luiz Alberto, ambos marcados pelo comércio e mescla de práticas esotéricas, santeria e cristã, centralizando seus saberes na cura. O objetivo dessa segunda parte é apresentar as práticas desses curandeiros, centralizando na descrição de seus locais de trabalho e na maneira que desenvolvem suas práticas de cura. Ambos os momentos, são pautados no método de pesquisa qualitativa, tendo como metodologia a pesquisa bibliográfica, abordagem etnográfica, com participação em campo e realização de entrevistas com os depoentes.

Palavras-chave: Rezadeiras; Relações; Protagonismo

¹ Dona Zuzinha infelizmente faleceu durante o período de realização da dissertação. Em memória de todo respeito que tenho por ela, às conversas e entrevistas que já haviam sido feitas, mantive sua presença nessa dissertação

Resumen

Esta investigación busca comprender el protagonismo de las mujeres y los hombres curadores e yerberos que hacen las limpias y sanaciones en sus comunidades, investigando cómo sus prácticas articulan relaciones que abarcan la comunidad, la familia, el don y la naturaleza. Así, se observa a Dona Lauzina, Seu Zé y a Dona Zuzinha (in memoriam), a través de sus trayectorias y la forma en que sus caminos y hogares se convierten en puntos de encuentro para las líneas de vida (LEWITZKI, 2019). El trabajo hace un diálogo con el concepto de personaje de Brandão (1982), que los destaca como agentes activos en la construcción y reproducción de su cultura, utilizo del concepto de líneas de Ingold (2015), que relaciona las prácticas cotidianas con personas, objetos, lugares y/o sus haceres. Desde la perspectiva de Lewitzki (2019), analizo las relaciones construidas por los movimientos y recorridos de los curadores. A continuación, la investigación va más allá de sus caminos iniciales y mira a los mercados de Corona y San Juan de Dios en Guadalajara-México, donde pudimos acompañar Leslie Belmonte, Javier Salazar y Luiz Alberto, todos curadores que unían el comercio de objetos para curaciones y una mezcla de prácticas esotéricas, de santería y cristianas, centralizando sus conocimientos en la curación. El objetivo de esta segunda parte es presentar las prácticas de estos curadores, centrándose en la descripción de sus lugares de trabajo y la forma en que llevan a cabo sus prácticas de curación. Ambas secciones se basan en el método de investigación cualitativo, utilizando investigación bibliográfica y un enfoque etnográfico, con observación participante en el campo y entrevistas en profundidad.

Palabras clave: Curadores; Relaciones; Protagonismo

LISTA DE IMAGENS

Figura 1: Mapa da cidade de Fátima.....	08
Figura 2: Recorte dos povoados.....	08
Figura 3: Dona Lauzina.....	16
Figura 4: Dona Lauzina em seu ofício.....	16
Figura 5: Foto de seu Zé.....	20
Figura 6: Os caminhos de seu Zé.....	23
Figura 7: Os caminhos de seu Zé.....	23
Figura 8: Umburana	23
Figura 9: Memórias de seu Zé cravadas na Umburana.....	23
Figura 10: “Casa velha” que seu Zé viveu durante a juventude.....	25
Figura 11: Um pouco da vegetação em torno da “casa velha”	25
Figuras 12 e 13: Plantas em vasos, algumas medicinais e outras não.....	26
Figura 14: seu Zé explicando a posição de cada um em suas refeições.....	47
Figura 15: Dona Lauzina com ramo na mão benzendo uma jovem.	63
Figura 16: Seu Zé descascando uma folha de macambira.....	63
Figura 17; 18 e 19: cartões das lojas presentes nos mercados.....	73
Figura 20 e 21: Lojas de Leslie Belmonte – duas lojas uma ao lado da outra.....	74,75
Figura 22: Frente da loja de Luiz Alberto.....	77
Figura 23 e 24: Lojas 01 e 02 de Javier Salazar.....	79

SUMÁRIO

Agradecimentos	4
LISTA DE IMAGENS	7
Introdução	7
1. Os caminhos da Cura – Movimento de vida.....	12
1.1 Construir raízes e entender as mudanças	12
2. Da pessoa ao personagem protagonista	28
2.1 Reconhecimento de suas práticas: “Quem sou eu?”	32
2.2 Construção do personagem e o seu papel na vida social	40
3. Caminhos e movimentos – construção das relações.....	48
3.1 Sacrifício pessoal	48
3.2 Obrigação e reciprocidade	54
4. Movimento do dom.....	58
4.1 O corpo e a cura, o dom circula pelo corpo dos rezadores e do paciente .	58
4.2 A palavra que fecunda	65
4.3 Rito e Renovação	68
5. Curanderismo: Conexões ancestrais e saberes na medicina alternativa em Guadalajara, Jalisco.	70
5.1 Mercado esotérico e serviços de cura	78
5.2 Tradição, profissão e gratidão	82
Considerações Finais	88
Referências bibliográficas	91

INTRODUÇÃO

A presença das rezadeiras/rezadores ocorre de formas diferentes na vida das pessoas das comunidades. Esse fato me levou a refletir sobre como se dá a relação deles junto à comunidade, assim busquei refletir sobre o protagonismo dos rezadores como personagens dentro de seus povoados e as relações que foram e são criadas ao longo dos caminhos e movimentos de e na vida deles. As rezadeiras/rezadores possuem formas diferentes de atuarem em suas práticas de cura, quem vai de colher qualquer tipo de folha para benzer ou ter sua própria reserva de plantas, detalhes que ajudam a refletir sobre seus costumes e relações com seu entorno e seu dom.

A partir das práticas de cura fora construídas relações dentro e fora dos povoados, o que me levou a discutir esses caminhos com Brandão (2007) e Mauss (2003) para entender como se deu o movimento da pessoa ao protagonista que detém do poder de cura, assim como a dinâmica de busca pela comunidade e a receptividade apresentada por parte das rezadeiras e rezador foram fundamentais para entender as linhas de vida que se entrelaçam a malha que Ingold (2015) discute. As práticas de benzimento constroem redes abertas de relações, prestígios e reciprocidade. A noção do recíproco perpassa sobre as relações estabelecidas de maneira involuntária, não se limitando a troca de presentes ou favores, como discute Mauss (2003), é um sistema de dádiva que envolve reconhecimento e cuidado de ambas as partes. O ato de rezar, não é um fazer técnico, é um ato que envolve fé e confiança que garante a legitimidade social das práticas do rezador, garantindo a continuidade de suas práticas dentro e fora dos povoados.

A pesquisa gira em torno de duas rezadeiras do povoado Lagoa dos Ferros e um Rezador do povoado Farias, seu Zé é natural do povoado Farias, já dona Lauzina, nasceu no povoado Pedra Grande, passando a infância no povoado Vargem, ambos municípios de Simão Dias - SE e dona Zuzinha nasceu no povoado Lagoa da Vaca, município de Ajustina - BA, elas construíram suas vidas no povoado Lagoa dos ferros por motivos distintos, a família em busca de melhorias na sua condição de vida e a outra através do casamento. Os povoados são bairros rurais do município de Fátima-BA, ficando a 352 km da capital do estado, Salvador. A economia destes dois povoados se baseia no plantio de feijão e milho. Ambos tiveram uma infância familiar, mas cheia de dificuldades

econômicas. A educação formal não foi uma realidade presente na infância deles, dona Lauzina e dona Zuzinha não sabem ler nem escrever e seu Zé teve a oportunidade de estudar no início de sua vida adulta. Suas primeiras relações com a cura foram construídas em casa e foi de maneira oral o pontapé inicial para a construção das suas relações com as práticas de cura que lhes foi dada.

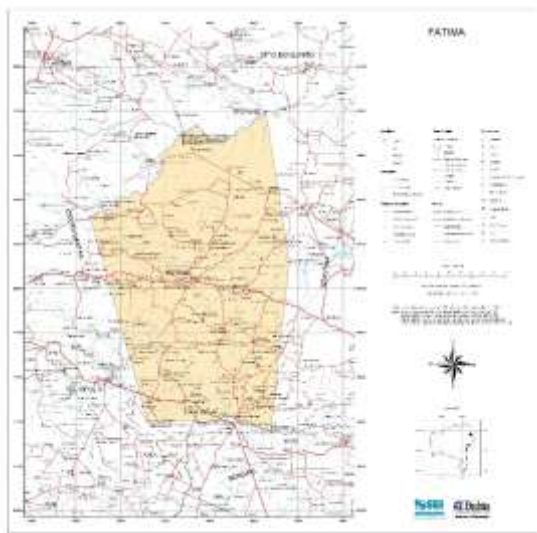


Figura 1: Mapa da cidade de Fátima



Figura 2: recorte dos povoados

Pode-se observar o mapa do município de Fátima com o recorte dos povoados citados na pesquisa, o povoado Lagoa dos Ferros não possui demarcação territorial, não sendo possível a identificação no mapa, porém ele está entre o povoado Farias e a capela de Nossa Senhora de Fátima (lado direito do mapa).

Aqui busco destacar o papel das rezadeiras e rezador dentro de suas comunidades, não apenas como detentores de conhecimento religioso e espiritual, mas também como articuladores de relações sociais, familiares e com a natureza. Compreender o protagonismo deles e suas práticas dentro dos povoados. Para além, a pesquisa apresenta as linhas de vida e as trajetórias das rezadeiras e rezador, onde foi possível compreender, não apenas as práticas de cura e espiritualidade, mas também as relações, resistência e resiliência que estão presentes nos povoados apresentados. A pesquisa justifica-se, para além da análise das relações entre rezadeiras e os povoados, a minha relação pessoal com ambas as rezadeiras e rezador, em especial dona Lauzina. A construção da escrita parte do objetivo de compreender o protagonismo das rezadeiras/rezador dentro de seus

povoados e as relações que são criadas ao longo dos caminhos e movimentos de e na vida deles.

Sendo desenvolvida em dois momentos, utilizando abordagem qualitativa. A princípio foi realizada uma revisão bibliográfica, a partir de seleção bibliográfica que se adequava, sendo utilizado plataformas como: Google Acadêmico, *Scielo* e repositórios, os materiais (teses, dissertações, monografias e artigos), etapa fundamental para a familiarização com o campo, pois segundo Beaud e Weber (2007), a seleção de uma bibliografia adequada é o primeiro passo para a pesquisa, o segundo foi a ida ao campo, onde utilizei como método central a etnografia.

As técnicas utilizadas foram a observação participante, fundamental para o contato direto com as rezadeiras e rezador, e foi sempre utilizado o diário de campo que foi um grande auxiliar. Também utilizei as entrevistas etnográficas que, segundo Restrepo (2016), é um meio de investigação que oferece dados que ajudam o investigador a compreender de forma adequada o problema que está sendo estudado, utilizei a entrevista narrativa e a construção de histórias de vida, sendo essenciais para uma maior compreensão sobre os caminhos das rezadeiras e rezadores. Assim Restrepo (2016) reafirma que a história de vida é relevante, porque permite explorar e ilustrar a trajetória de vida das pessoas, bem como seus significados e práticas culturais nas quais estão inseridos. Já o próximo instrumento metodológico foi a entrevista narrativa, as “narrações são ricas de colocações indexadas, porque elas se referem à experiência pessoal e porque elas tendem a ser detalhadas com um enfoque nos acontecimentos e ações” (Jovchelovitch; Bauer, 2003, p. 93). Entrevistas narrativas e histórias de vida são métodos para compreender o contexto das experiências e suas relações.

O texto está dividido em cinco capítulos, os quatro primeiros apresentam os caminhos de dona Zuzinha, dona Lauzina e seu Zé, o quinto e último capítulo faz parte da pesquisa que realizei nos seis meses que passei na cidade de Guadalajara, Jalisco, México. A pesquisa de nome “Curanderismo: Conexões ancestrais e saberes na medicina alternativa em Guadalajara, Jalisco” surgiu a partir da seleção do edital Programa de Desenvolvimento Acadêmico Abdias Nascimento, onde realizei a pesquisa sob orientação da Dr^a Renée de La Torre, na instituição “Centro de Investigaciones y Estudios Superiores en Antropología Social” (CIESAS - Occidente).

Os capítulos estão divididos da seguinte maneira: capítulo um, Os caminhos da Cura – Movimentos de vida, possui um tópico de nome: “construir raízes e entender as mudanças” apresenta a história de vida das rezadeiras Dona Lauzina, Dona Zuzinha (em memória) e o rezador Seu Zé dos povoados Farias e Lagoa dos Ferros, traz o relato/biografia, onde se descreve as mudanças e os caminhos nas vidas das rezadeiras/rezador, conhecendo a relação das rezadeiras/rezador com o seu entorno, práticas de benzimento e sua família.

O capítulo dois, de nome: “Da pessoa ao personagem protagonista”, possui dois tópicos, o primeiro “reconhecimento de suas práticas: “Quem sou eu?”. Esse tópico traz a perspectiva dos rezadores sobre suas práticas, o reconhecimento e a descoberta, para assim entender a construção do protagonismo trazendo a visão pessoal das rezadeiras e rezador. O segundo tópico, de nome “construção do personagem e o seu papel na vida social” apresenta as rezadeiras e rezador como personagens que possuem protagonismo dentro dos povoados e seu papel na sociedade a partir da cadeia de relações que são criadas.

O terceiro capítulo, de nome: caminhos e movimentos – Construção das relações, está dividido em dois tópicos, sendo eles: o primeiro, de nome “sacrifício pessoal” aborda os sacrifícios, renúncias e privações na vida das rezadeiras e rezador mediante a sua obrigação para com o paciente; já o segundo tópico, de nome “Obrigação e reciprocidade”, discute a obrigação que as rezadeiras e rezador possuem com o dom de benzimento e a reciprocidade que é construída entre eles e o paciente; para fechar a discussão, o capítulo quatro com título de Movimentos do dom, possui três tópicos, o primeiro de nome “o corpo e a cura” discute os movimentos do dom e como se articulam. Relata a relação do corpo como um fio condutor para o dom, onde reflete a relação do corpo do rezador para a projeção da cura do paciente; o segundo tópico de nome “A palavra que fecunda” discute a partir dos benzimentos das rezadeiras/rezador para com o paciente e das benções que os pacientes proferem como agradecimento ao final de cada reza; Já o último tópico, com nome “Rito e Renovação”, reflete sobre o rito e a limpeza corporal, em busca de uma renovação, a partir do relato de seu Zé sobre a necessidade da limpeza após as rezas.

O capítulo cinco apresenta dois curandeiros e uma curandeira, dos mercados centrais de Guadalajara. A investigação é feita no mercado San Juan de Dios, com Luiz

Alberto e no mercado Corona com, Leslie Belmonte e Javier Salazar, ambos os mercados possuem um alto comércio de produtos esotéricos, ligados a santeria e demais religiões presentes no catolicismo popular. O capítulo tem como objetivo apresentar os curandeiros e como funcionam suas práticas de cura, sendo dividido em dois momentos, apresentação de seus locais de trabalho, bem como a apresentação de suas práticas.

Apesar das práticas de benzimento possuírem uma maior discussão que as práticas de curandeirismo, busco trazer uma conclusão que estabeleça uma conexão entre os distintos contextos, para compreender como as rezadeiras/rezador e curandeiros/curandeira constroem a partir de suas práticas, suas relações com seus caminhos e redes de saberes. Feita a apresentação inicial, dou início ao diálogo entre as linhas e malhas da vida de dona Lauzina, seu Zé e dona Zuzinha.

1. OS CAMINHOS DA CURA – MOVIMENTO DE VIDA

1.1 Construir raízes e entender as mudanças

Aqui apresentarei o caminho das rezadeiras e rezador, suas relações e suas práticas, onde todos têm famílias numerosas, que o trabalho braçal era a realidade e que o estudo não era uma opção na infância, dedicando suas vidas ao trabalho na roça e à prática da benzeção, movimentos que marcaram suas vidas “na passagem de um lugar ao outro e novos horizontes cambiantes ao longo do caminho” (INGOLD, 2021, p.227)

Dona Lauzina, é uma mulher simpática e divertida, conta a sua história, hora nostálgica hora trágica sempre com divertimento e sorrisos. Nasceu em um povoado chamado Pedra Grande pertencente a cidade de Simão Dias – SE, filha do meio de 7 irmãos, sendo a segunda e última mulher. Sua árvore genealógica materna possui alguns questionamentos sobre sua origem, que para ela já não fazem falta, ela diz que seu avô materno Vicente não era filho de seu bisavô, “*eu não sei de onde meu era meu avô*”, diz que seu avô foi encontrado ainda criança roubando mamão na propriedade de seu bisavô e o mesmo o criou, dona Lauzina me conta sempre rindo que seu avô lhe contava que tentou fugir algumas vezes, mas nem ele sabia para onde ir, Lauzina o descreve como “*ele era baixinho, uma pele vermelha e com cabelo fininho*”.

Seu avô cresceu, casou-se, teve filhos e nasceu sua mãe Maria que se casou com seu pai, José, aos 16 anos. Não tinham terras, “*tínhamos um pedacinho de terra com a casa*” a renda vinda unicamente do trabalho de seu pai, logo vieram os filhos “*Minha mãe teve 18! Agora, só se criou 8*”, duas mulheres e seis homens, na medida que os filhos iam crescendo passaram a acompanhar o pai na roça. Dona Lauzina diz que começou a trabalhar com cinco anos de idade ela relata:

O pai dizia, olha, esse pedaço de terra aqui, esse pedacinho, mais de um quarteirãozinho. Aqui é de vocês dois (ela e Jonas). Aí, perguntava mais “onde, mais onde. Nós vamos plantar mandioca, para plantar, botava manimba. Eu não sabia, né? Pai dizia planta e direito, e lá ia nós plantar. Botava manimba com o olho para dentro da terra, né? E nós plantávamos era assim, ao contrário. Aí pai chegava e dizia “valei-me, Nossa Senhora, vai essa mandioca vai nascer? Aí agora ele pegava uns e ajeitava, mas nós plantávamos do jeito que fosse. Uns plantava certo, outros plantava errado. Mas ele ajeitava tudo.

Dona Lauzina completa dizendo que quando colhiam a mandioca, faziam a farinha. Vendia cerca de dez litros e guardavam mais uns dez para consumo, ela diz que

seu pai dava umas moedas para eles pelo trabalho e em suas palavras “Nós pegávamos (ela e Jonas) o dinheirinho e entocava”. Apesar ter sido inserida ao trabalho de maneira precoce, possui boas memórias da sua infância, apesar das dificuldades, se autodenominava pastora de cabras com seu companheiro e irmão Jonas, com idades próximas, Jonas foi seu companheiro de brincadeiras e trabalho.

Eu só ficava com Jonas, saíamos para a serra, depois de tomar um cafezinho, pasturar as cabras e enquanto elas comiam a gente subia na pedra grande e víamos aquele mudo de terra e a cidade que não sei qual era, queríamos caminhar por toda aquela terra e era assim eu e Jonas para tudo.

Ela diz que a relação com os outros irmãos não era igual a de Jonas, pois alguns já eram mais velhos e trabalhavam na roça com o pai e eles por serem mais jovens cuidavam das cabras e sua irmã Josefa que era mais velha ficava em casa com sua mãe cuidando da casa e dos menores.

O tempo passou e dona Lauzina diz que seus dias eram iguais o que mudava era os locais para explorar com seu companheiro. Quando chegava alguma visita fugiam para o meio do mato, ela diz “*éramos iguais a caboclos, brabo. Chegava uma pessoa para pai rezar, nós íamos para o meio do mato*”. Seu pai rezava para olhado, espinhela caída, dores de cabeça e dente, mas ela não fala muito de sua mãe, pois suas práticas de reza eram diferentes das de seu pai, e o que a mãe ensinou foram rezas da igreja católica, como: terço, Credo e Santo anjo. Ela explica que sua mãe gostava de rezar e rezava nos velórios “*mãe sabia cada reza bonita*”, sua mãe rezava nas sentinelas e velórios de natimortos e crianças e era responsável por fazer as mortalhas². Dona Lauzina relata que quando a criança nascia sem ânimo ou a criança que estava doente, acamada a alguns dias chamavam a sua mãe para que ela preparasse a família para a melhora ou falecimento da criança “*mãe sabia quando o menino ia morrer, mãe sabia se o menino ia escapar ela chegava botava a mão na cabeça da criança e dizia ele ainda vai durar até amanhã*” e pedia para que as pessoas que estavam com a criança fossem descansar que ainda teriam mais um dia em sua companhia. E quando a criança falecia, era ela quem cuidava das roupas e da arrumação do corpo. E com pesar diz não ter aprendido as práticas de cuidado com os falecidos e as rezas proferidas nas sentinelas pela sua mãe.

² Pano ou vestimenta com que se envolve o cadáver de pessoa que será sepultada.

A vida de dona Lauzina se movimentava, até seus onze, em torno de seu povoado, sem amigos para além de sua família e regada de dificuldades que ela entendia, mas não compreendia. Ela relata que a vida dela e de sua família mudou após seu pai passar mal em um dia de trabalho. Após o ocorrido, um conhecido da família ofereceu trabalho em suas terras no povoado Lagoa dos Ferros, assim em meio às dificuldades e em busca de melhoria, seu pai organiza suas coisas, junta os sete filhos que ainda viviam com ele, pois Josefa sua filha mais velha já estava casada, esposa e seguem para a casa de João Pedro.

Dona Lauzina relata que o que passaram. Não trouxeram nada, além da comida, ao chegarem no casa de João Pedro passaram cerca de um mês, mas não conseguiram viver na mesma casa, por ambos possuírem uma família numerosa e a convivência com as filhas não era boa e ele disse que tinha uma casinha no povoado São Miguel e que eles poderiam viver lá, até vender as terras que deixaram, não pensaram muito e foram viver em uma casa que só tinha um cômodo, a mesma relata que não tinham o básico para a casa e a esposa de João Pedro doou uma cama, ela relata que no momento que chegou na casa percebeu as dificuldades pensou *“eu pensava em tudo na vida, já com 11 anos feitos. Pensei: oxe, oxe eu vou trabalhar para comprar uma rede para mim”*.

Assim o novo caminho de dona Lauzina passou a ser regado de novas responsabilidades, ela relata que em Pedra Grande não teve oportunidade de estudar e na mudança para Lagoa dos Ferros aos onze anos tentou estudar, mas relata que *“Eu vim estudar, depois que fiquei com 11 anos, que eu vim estudar, mas não aprendi nada, porque, aprendi foi enxada”*, relata que sempre foi muito próxima de seu pai e todo canto que ele ia ele o seguia, assim em meio às dificuldades da mudança tinha seu objetivo, mas sempre que trabalhava dividia o dinheiro que recebia e metade era de seu pai. Assim, seu pai conseguiu vender a casa de Pedra Grande e compraram uma casa próximo a casa de João Pedro e *“tudo melhorou, graças a Deus, devagarzinho, pouquinho a pouquinho.”*

Dona Lauzina relata que sempre foi muito próxima de seu pai e assim o via rezando nas pessoas e achava interessante, diz que:

Lá ele quase não rezava, mas depois que viemos para cá sempre tinha um na nossa porta para rezar. Eu comecei a rezar para olhado quando era pequena, eu via pai rezando e eu fui aprendendo, né?

Ela também relatou que rezava de brincadeira com os meninos de casa. Ela diz que passou a rezar de forma séria depois que seu pai faleceu, já que ela foi a última dos filhos a sair de casa. Se casou aos 19 anos. Seu casamento foi regado de trabalho, em suas

palavras “para conseguir as coisas”, morou na casa da sogra por um tempo, logo após construiu uma casa de taipa³ com ajuda de seus irmãos, seu marido José Nilton passava a maior parte em outras cidades para trabalhar, dois anos depois conseguiram comprar uma casa com algumas tarefas de terra, onde seguiu sua vida. Dona Lauzina engravidou cinco vezes, três perdas, duas gestações até o final, mas apenas um filho sobreviveu.

Dona Lauzina diz que agora reza somente para olhado, mas antes rezava para sol e sereno⁴, tanto em pessoas quanto em animais “*se tiver ali, está triste e eu vejo que é olhado, eu rezo*” ela diz saber que é olhado quando o animal está triste distante dos outros e sempre deitado, reza em um dia e no outro verifica se já está melhor. O povoado foi crescendo, ela casou teve seu filho, bem como suas amigas e conhecidas também, ela diz que naquela época dificilmente alguém saia para viver em outra cidade ou povoado, as pessoas que saíam eram as mulheres que iam viver próximo a família de seus maridos, os que permaneceram no povoado já tinha uma relação e sabiam que seu pai rezava, sua mãe cuidava das crianças doentes e que ela mantinha as práticas de benzimento de seu pai e dessa maneira ela se tornou a parteira do povoado, Dona Lauzina trouxe ao mundo a primeira criança ainda muito jovem, não sabe dizer a idade correta, mas crê que foi entre os vinte e dois aos vinte e cinco anos, disse ter realizado o parto de umas 20 mulheres “*peguei vinte meninos*”. Tanto por Lagoa dos Ferros quanto por Farias.

O primeiro trabalho de parto feito foi na esposa de seu cunhado, disse que seu cunhado sabia que ela rezava e já não dava tempo de ir atrás de uma outra parteira e por confiar nela a buscaram, assim realizando mais três partos da esposa de seu cunhado e após o ocorrido ela realizou mais alguns partos das mulheres da vizinhança e em alguns casos como forma de agradecimentos recebeu algumas das crianças para ser madrinha, tendo seis afilhados dos vinte filhos que ela ajudou trazer ao mundo e se orgulha e agradece a Deus que nunca perdeu nenhum. Dona Lauzina confessa que ficava preocupada que algo acontecesse com a mãe ou a criança, mas sempre colocou Nossa Senhora do Bom Parto na frente e nunca passou por complicações, ela afirma que nunca tinha assistido a nenhum parto, mas acredita que foi Deus que guiou o seu cunhado a

³ Casa construída a partir da técnica que consiste em uma mistura de argila, areia, água e outros materiais orgânicos em moldes ou formas para criar paredes sólidas.

⁴ “Sol e Sereno” é uma doença na cabeça que deixa o indivíduo com o “corpo mole”, sendo causado pela exposição às altas e baixas pela manhã ou noite.

buscá-la naquele dia e acredita que nasceu para fazer isso: “*nasci para trabalhar e ajudar*”.

Assim o tempo fez seu movimento, atualmente já com seus 73 anos dona Lauzina já não realiza mais partos e não reza mais com a mesma frequência de antes e diz que sua vida foi voltada para a família, mas se sente agradecida e reconhece a sua importância na vida das famílias de seu povoado.



Figura 3: Dona Lauzina



Figura 4: Dona Lauzina em seu ofício

Seu Zé é um senhor de histórias, de caminhos e de grande sensibilidade, nasceu na fazenda Lagoa da Pindoba que atualmente se chama povoado Farias, relata que ouvia muitas histórias antigas de sua família/origens por seu pai, ele afirmava que tinha vindo de África, mas não sabia ao certo de qual região, ele afirma que vieram da escravidão e que há seis gerações tinha um parente que era reprodutor e assim ele justifica o tom de sua pele. Seu Zé diz que seu pai tinha duas famílias, a primeira e a segunda, e ele faz parte da segunda família “*Sou o terceiro da família mais nova. São 13 irmãos, são 7 da mais nova e 6 da mais velha*”, a primeira esposa de seu pai faleceu o levando a casar novamente, ele diz que a convivência com seus outros irmãos era pouca, porque eram mais velhos.

Seu Zé começou a trabalhar aos 7 anos de idade “*A gente não teve infância, sempre tivemos nossas obrigações*” e assim a sua profissão foi a roça, por ser a única coisa que sabia fazer. Diz que não teve oportunidade de estudar, pois pela região não tinha escola, a mais próxima era em Poço Verde, cidade mais próxima, mas não poderia ir, pois “*só estudava naquela época os filhos de rico*”. Seu Zé diz que nunca passaram necessidades, porque todos trabalhavam e seu pai tinha uma grande habilidade com couro, ele fazia sapato, gibão, sela, cangalhas e fez para a cada filho uma enxada, Seu Zé relata que nas manhãs que iam pra roça, seu pai chamava todos os filhos, aos iam com ele era designando a cada um pedaço de terra para ser limpo, era responsabilidade de cada um finalizar antes do retorno para a casa.

Seu Zé disse que às vezes ele e Maria não conseguiam finalizar a sua parte “*oxe, se chegasse à noite e não terminássemos, nós íamos buscar Raimunda para nos ajudar a finalizar*”. Raimunda é sua irmã mais velha e sempre cuidava dos menores, seu Zé ri e diz que ela era sua mãe, só que menos brava. Com diversão ele disse que todos preferiam aprontar e tomar dez surras de seu pai do que uma de sua mãe. Seu Zé diz que a relação era tranquila e de respeito, trabalhavam toda a semana e aos finais de semana todos seguiam seu rumo, os mais velhos saíam para visitar amigos e namoradas e mais novos ficavam em casa, mas no momento da refeição todos estavam juntos, pois o momento de comer é sagrado, seu Zé diz:

Não tínhamos móveis nem nada, mas na hora de comer nos sentávamos em uns bancos de chão em volta de fogãozinho a lenha que tinha na cozinha, era assim, era pai, depois mãe, Raimunda e depois ia seguindo do mais velho para o mais novo.

Ele relata que sempre gostou de caminhar e saía explorando as matilhas fechadas que no futuro deixariam de existir, gostava de caminhar e ver as árvores, gostava estar sozinho e para continuar seu percurso. Ao lado da casa velha, casa essa onde ele e seus irmãos cresceram havia um espaço reservado para plantio de palma e cresciam algumas outras árvores, como: algaroba e umbuzeiro, futuramente esse espaço se transformaria em uma pequena reserva, com cerca de três tarefas. Seu próprio espaço com árvores e plantas medicinais e não medicinais, como: Macambira, pau ferro, umburana, Jurubeba e sisal, entre outras.

Assim seu Zé entrava na adolescência com as mesmas práticas e costumes entre trabalhos e caminhadas, ele relata que não é uma pessoa de sair de casa, diz que em sua

adolescência não havia muitos lugares para ir, resumindo a novenas, novenários nas igrejas e a feira aos sábados e só poderia sair com seus pais, quando possuiu liberdade para ir só, já estava acostumado a ficar em casa, assim via as pessoas chegarem e seu pai rezar, mas não tinha interesse em aprender, nem presenciar as rezas, ele diz que seu pai rezava pra muitas coisas como: olhado, espinhela caída, dor de cabeça, dente, coluna, izipela, rosácea, fogo selvagem. Seu pai também era adivinho, mas ele explica que ele conseguia saber onde estavam as coisas perdidas e quem roubou algo. Ele diz:

Se alguém te roubasse e você viesse aqui em casa e perguntasse a ele, ele dizia que te roubou. A mesma coisa se um animal seu fugisse ele sabia onde o bicho estava.

Quando completou seus 18 anos, surgiu a oportunidade de estudar, conheceu uma moça que era professora e estava alfabetizando jovens adultos e ele se inscreveu, pois sempre quis aprender a ler e escrever seu nome, diz:

Não cheguei a quinta série não, mas sei fazer contas, agora eu sou afobado. conta de terra sei fazer, leio qualquer coisa. Agora escrever eu sou mais coisado, porque eu quero fazer certinho

Seu Zé diz que se dedicou muito aos seus estudos, aprendeu a ler rápido e a professora gostou dele, assim permitindo que ele participasse de outras aulas para além da alfabetização “*sempre fui obediente, aí ela deixou e estudei até os 20 anos.*”, Assim ao entrar na fase jovem adulto alguns conhecidos viajaram para São Paulo para trabalhar, mas ele não tinha interesse em deixar seu povoado, diz “*gosto de caminhar entre as árvores, não entre as pedras*” e assim deu continuidade em sua vida, tentou trabalhar como garçom na cidade de Poço Verde, mas diz que percebeu que seu lugar não era ali, ele justifica a sua falta de interesse ao dizer “*acho que essa é minha sina, se eu tivesse ido, hoje eu não estaria aqui*”. Seu Zé, segundo ele, se casou “*tarde*”, tem dois filhos, separou há alguns anos e atualmente mora e cuida de sua mãe.

O pai de seu Zé faleceu em 1986, já idoso, ele diz que estava vivendo sua vida quando aconteceu, ele diz que seu pai rezava muito e não fazia a limpeza de seu corpo de maneira correta, onde ele explica que:

Tem que tomar banho de zicasa⁵, necessita mesmo de limpeza. É rezar e ir tomar banho, vai juntando na idade, papai já não estava

⁵ Zicasa também conhecida como cicas ou cycas, é da espécie *Cycas revoluta*. Planta de origem asiática é resistente a seca, mas frágil a exposição direta ao sol.

aguentando mais. Tem gente que se não tomar banho passa mesmo essas coisas e fica frágil.

Seu Zé tem as mesmas habilidades que seu pai, reza para olhado, espinhela caída, dor de cabeça, dente, coluna, cólica, izipela, rosácea, fogo selvagem e reza em plantações e animais e para estancar sangramentos, assim ele afirma ser ciente que reza para muitas coisas e que precisa fazer os banhos para a limpeza e conhece os riscos, mesmo assim não faz.

Após o falecimento de seu pai seu Zé passou a cuidar de sua mãe e oito anos depois ele diz que recebeu o seu chamado, diz não lembrar quem foi a primeira pessoa que rezou, mas disse que ficou conhecido, porque dona Maria adoeceu e um de seus filhos foi buscá-lo para rezar nela, como ela estava doente e já era idosa a casa estava com muitas pessoas para visitá-la e assim se tornou conhecimento do povoado que seu Zé também rezava. Dona Maria, mais conhecida como “Maria Preta” era uma senhora bastante conhecida pela região, tinha amplo conhecimento no ofício das rezas seu Zé afirma que ficou conhecido por causa dela, ele diz:

Dona Maria Preta um dia ela adoeceu, me chamou pra ir lá rezar nela e quando eu cheguei lá a clientela dela estava lá e o povo começou a falar, como ela pediu pra rezar nela aí povo esbanjou e eu fiquei mais conhecido, né!

Seu Zé ganhou reconhecimento a partir do momento que foi visto rezando em dona Maria, uma pessoa amplamente conhecida necessitando de cuidados.

Seu Zé relata que sua fé é em Deus, seus santos e suas rezas, é inclinado para a igreja católica, mas diz não seguir religião. Ele explica que sua fé e práticas vêm unicamente de Deus e não estão vinculadas a nenhuma religião, assim ele segue, cuidando de sua mãe e de seu acervo natural para caminhar e reconhecendo que suas práticas são uma tradição, pois surgiu despretensiosa e sem ser solicitada *“Pois é isso tudo aí vinha de tradição.”*



Figura 5: Foto de Seu Zé

Dona Juzinha ou Zuzinha foi uma mulher com muitas responsabilidades, mas sempre muito tranquila, nasceu no povoado Lagoa da Vaca, um pequeno povoado de Ajustina-BA, sendo a única filha entre os 15 irmãos, ela diz que viveu muito para ver alguns de seus irmãos partirem. Relata que próximo ao seu povoado tinha uma escola, mas quando teve idade suficiente para frequentar as aulas sua mãe adoeceu e a escola não era uma prioridade, pois ela ganhou novas responsabilidades dentro de sua casa e para com seus irmãos. Em toda a sua vida não teve a oportunidade de ir à escola, ela afirmou *“minha profissão foi o cabo de enxada, arrancar feijão, quebrar milho, eu nunca fui para a escola”*. Sua infância foi regada de obrigações, trabalho e cuidado com seus irmãos, dona Zuzinha diz que sua relação com sua família era voltada a responsabilidade com o cuidado, quando estavam na roça trabalhavam por igual, mas quando ficava em casa tinha a responsabilidade com o cuidado de lavar roupa, limpar casa e fazer comida.

Dona Zuzinha diz que se casou cedo e assim mudou-se para Lagoa dos Ferros com seu marido, onde teve todos os seus filhos, sempre foi muito católica e possuía uma grande crença em Deus e diz que criou seus filhos para ele, mas com a liberdade para rezar, assim ela disse que a toda a reza vem de Deus e que aprendeu a rezar para *“dor de cabeça; reza numa perna (feridas); olhado; espinhela caída”*, pois segundo ela não

importa o que diz, o que importa é a fé de ambos os lados, diz não recordar se seu pai ou sua mãe rezavam. Dona Zuzinha relata que sempre chega alguém pedindo para rezar e ela mesma, mesmo com os seus 82 anos de idade buscava seus três ramos de qualquer planta verde e em qualquer local e ia tirar os males. Ela afirma que *“rezo em qualquer canto. Tendo um lugar para me sentar. A palavra de Deus em qualquer canto serve.”* Ela relata que nunca cobrou e nunca ganhou nada e nem queria ganhar nada por suas bençãos, e que nunca fez isso por reconhecimento e sim porque é sua obrigação e *“minha importância é de Deus”* e que sempre gostou do cuidado.

Dona Zuzinha cuidou dos seus irmãos ainda criança/adolescente, se casou e passou a cuidar dos seus filhos e em seguida a cuidar das pessoas enfermas que a procura, no momento da reza só pensava em Deus e suplicava por força para que continuasse ajudando as pessoas, não ensinou a seus filhos a benzerem, pois já os ensinou muito e se fosse para acontecer, aconteceria. Afirmou não ter mais paciência. Com o seu caminho regado de cuidados e curas, cruzou diversos caminhos dentro dos povoados. Dona Zuzinha faleceu em 2023, levando consigo suas práticas e sabedoria, até o momento nenhum de seus filhos deu continuidade com suas práticas

Os caminhos percorridos ao decorrer da vida deles foram regados de trabalhos, responsabilidades e cuidados, com mudanças significativas que lhes trouxeram experiências de vida, desafios e situações tanto físicas quanto espirituais que ajudaram no desenvolvimento de suas práticas.

Os movimentos de vida das rezadeiras e rezador aqui observados mostram vivências rurais e com famílias com pouca ou nenhuma terra que precisaram passar por um processo de migração, dois dos rezadores citam origens genealógicas, dona Lauzina cita que seu avó foi sequestrado ainda criança e traz em sua bagagem um saber oral e acredita que era indígena, porém não há comprovação, já seu Zé se apega com tristeza e orgulho a memória da escravidão compartilhada pelos mais velhos, que apesar de animalizado como reprodutor, ainda assim guardião de saberes ancestrais, dona Zuzinha ou Juzinha apesar de não aprofundar em suas raízes, possui uma ligação direta com práticas populares de cura mais voltadas ao catolicismo, onde deixa explícito a ligação entre a reza e sua crença

Todos apresentam a prática de rezar como um dom divino, sendo uma dádiva que apesar de ser observada em suas casas, surgem ao decorrer de suas vidas, sendo

reconhecida como uma prática geracional, a partir desse aspecto pode-se pensar a partir da noção de carisma apresentada por Weber (1991) onde a noção da pessoa carismática surge de uma devoção absoluta, assim “em virtude da qual se atribuem a uma pessoa poderes ou qualidades sobrenaturais, sobre-humanos ou, pelo menos, extra cotidianos específicos ou então se a toma como enviada por Deus, como exemplar, e, portanto, como 'líder'”(Weber, 1991, p. 159). Aqui eles não exercem um papel de liderança, mas possuem notoriedade dentro de sua comunidade, sendo as práticas de benzimento vistas como uma prática que legitima o papel social das rezadeiras e rezador dentro de seus povoados, benzer vai além da experiência individual da rezadeira, mesmo sendo um dom⁶ que surgiu como explica seu Zé ao dizer que não tinha interesse em aprender, mas pela convivência e experiência vivida em seu cotidiano, porém cada rezadeira e rezador constrói a sua forma de rezar e maneira de se relacionar com as pessoas e seu entorno.

Seu Zé por exemplo preservou e ampliou o espaço em torno da casa velha, transformando assim em uma pequena reserva, onde cada planta tem sua função medicinal, onde criou o hábito de percorrer todo esse espaço, conhecendo onde está, o nome e função de cada planta, seu Zé criou uma relação para além da pessoa que o procura, ele diz que sempre gostou de caminhar e estar sozinho e assim ele acaba conhecendo os locais onde cada planta está e assim quando chega alguém ele já se propõe a buscar a planta que a pessoa precisa

Quando eu vou no mato eu já vejo o que serve para remédio aí quando o povo me procura já vou e eu sou oferecido. Nilda, ela me perguntou um remédio se eu sabia, fui buscar na hora um “chapéu de couro”, eu já tomei banho e fui buscar para ela, eu digo a planta que serve para remédio, agora o que eu não tenho eu não vou dizer que sei ou que tenho. Eu vou buscar uma “quina, quina” lá na beira do tanque para dar, para o cara passar na perna. Um rapaz que chegou com algo na perna e ele estava fazendo uma espécie de tratamento, reza e banho e eu fui buscar para ele.

⁶ Segundo o dicionário --- o dom é a ação de passar a outrem a posse ou o usufruto de algo, sem nada receber em troca. Dádiva concedida pela natureza, bem ou graça recebia pelos deuses, numa visão politeístas, ou forças sobrenaturais. Mas nessa dissertação, mais adiante será utilizado o sentido dado por Mauss, em que falar de dom é falar de um sistema que implica a tripla obrigação de dar, receber e retribuir.



Figura 6: Os caminhos de seu Zé



Figura 7: Os caminhos de seu Zé



Figura 8: Umburana



Figura 9: Memórias de seu Zé cravadas na umburana

Seu Zé possui uma relação íntima com seu espaço, possui uma rotina de caminhar por sua mata todos os dias, observa as mudanças que ocorrem de maneira natural.

Eu me levanto cedinho, gosto de caminhar por aqui. Tá vendo esse pau ferro aí quebrado, foi uma ventania que deu semana passada e quebrou [...] peguei o pedaço que caiu e fiz lenha para colocar no fogo veio de que tem aí, essa madeira não é muito boa para lenha não, faz uma fumaça da pega

Percebe-se que ele utiliza a vegetação de diversas maneiras, seja em busca de uma planta medicinal ou apenas “reutilizar” a madeira que por motivos naturais já não possui a função medicinal. Busco entender se ele corta algumas árvores para fazer lenha ele diz *“não, não corto nenhuma árvore todas elas aqui têm uma serventia, eu só uso quando elas caem, aí corto para fazer lenha ou coloco na cerca”* a mata de seu Zé é um espaço de tamanho considerável e questiono de o porquê não ser usada para plantio e ele diz que por ser uma terra bastante pedregosa não é boa para feijão e milho. Percorrendo os caminhos de seu Zé a árvore com maior predominância é a umburana, uma árvore de grande porte, seu tronco possui uma casca macia e cor esverdeada, seu Zé possui uma relação particular com essa árvore, todos os troncos das umburanas possuem uma data cravada, algumas mais que uma data. Questiono seu Zé o motivo de marcar essas datas e ele diz

Eu marco para não esquecer [ri e completa] eu escrevo para não esquecer, né. mas eu esqueço. Minha cabeça já tá ruim, já. Por aí tem muitas datas, tem o dia que a menina dali morreu, tem o dia que o menino de Lucas nasceu e agora tem a data de hoje [...] e aí as vezes vou caminhando e lembro de uma ou outra.

Seu Zé vê sua Mata como um vínculo medicinal e como um registro simbólico, um espaço que está em constante transformação, mesmo que não seja perceptível. Os movimentos de seu Zé possuem características semelhantes com os movimentos dos Kayapó descritos por Darrell Posey (1869) onde os Kayapó utilizam as florestas secundárias para múltiplas finalidades de cultivo e medicinal, onde moldam a floresta a partir do manejo das plantas, respeitando os ciclos naturais, mas moldando de acordo com suas necessidades.



Figura 10: “Casa velha” que seu Zé viveu durante a juventude



Figura 11: um pouco da vegetação em torno da “casa velha”

Já dona Zuzinha, afirma que qualquer ramo verde que está ao seu alcance serve para rezar, onde podemos interpretar que para ela o mais importante são os gestos/fé do que se a planta é medicinal, diferente de seu Zé, ela diz que não recomenda nenhuma planta, porém ela diz:

Se a pessoa souber que eu tenho uma planta no meu quintal e chegar me pedindo eu dou, não faço indicação de chá, mas se alguém vir

buscar alguma erva eu ensino. Qualquer coisa que eu sei que serve, eu ensino.

Assim ela possui uma relação mais prática e direta com as pessoas que a procuram.

Por sua vez, dona Lauzina, no âmbito relacional, está entre Dona Zuzinha e seu Zé, ela possui um quintal feito de maneira improvisada em sua casa, onde sempre tem à sua disposição alguma planta medicinal e sempre que crê necessário oferece o que está disponível em seu quintal. Dona Lauzina possui uma característica diferente dos outros rezadores aqui presentes, pois ela deixa claro em suas falas, que antes de benzer ou realizar um parto, pedia ajuda a Deus. Ela possui uma relação de gratidão e de proximidade e conversa com o sagrado, seu dom e Deus, nota-se ao seu dizer:

Deus é quem me paga, Deus é quem me ajuda [...], Mas tem Deus, né? Falar em Deus, tudo bem é ainda melhor. Porque falando em Deus é ainda melhor do que eu me satisfazendo [...] sempre que chega alguém pedindo para rezar eu peço a Deus que me ajude a curar aquela criatura.



Figuras 12 e 13: Plantas em vasos, algumas medicinais e outras não

É perceptível a distinção entre as práticas de cura de todos os três, assim podemos refletir sobre a diferença entre suas práticas, vale ressaltar que dona Lauzina e seu Zé

afirmam não possuir ligação direta com nenhuma religião institucionalizada e apesar de dona Zuzinha ser católica praticante, suas práticas de cura não possui relação com a igreja, onde podemos olhar através do conceito da magia de Malinowski, onde o benzer é um saber prático, rápido, eficaz e independente que se moldou de acordo com suas vivências e costumes e não pertence a uma doutrina, mas é carregada de fé e dialoga com Deus, santos e natureza.

2. DA PESSOA AO PERSONAGEM PROTAGONISTA

A figura das rezadeiras e rezadores, homens e mulheres que curam, que possuem em suas palavras o dom divino, ocupa lugar de destaque dentro das tradições populares. Não são somente indivíduos com fé, são pessoas que assumem papéis de destaque dentro das comunidades, performam gestos, transmitem falas e saberes que mudam seu *status* de pessoa comum a um personagem social. Assim o “dom” é uma palavra constantemente ouvida ao conversar com um rezador ou sacerdote, pois entendem suas práticas de benzedura como um dom divino que promove a cura, algo que lhes foi confiado para ajudar o próximo, seja pertencente ou não ao seu grupo social, na cura de alguma doença através da reza ou apenas para ajudar com o seu conhecimento em relação às ervas medicinais.

Ser pessoa é uma construção social cultural. Para Mauss (1974) pessoa, ser pessoa é possuir uma persona, é possuir uma máscara, é ter um papel social de legitimação, o autor apresenta “ser pessoa” a partir da organização dos indígenas Pueblos, assim

O clã é concebido como constituído por um certo número de pessoas, na verdade personagens; e, por outro, o papel de todos esses personagens é realmente figurar, cada um por sua parte, a totalidade prefigurada do clã. (Mauss, 1974, p. 274)

Os membros possuem papeis definidos dentro em seu contexto social, a pessoa já não possui o seu papel isolado e sim toma posse, como herança, do personagem que carrega a representação dos seus antepassados, Mauss (1974) retoma a discussão que no ato cerimonial a pessoa toma

pela máscara, por seu título, sua posição, seu papel, sua propriedade, sua sobrevivência e seu reaparecimento na terra num de seus descendentes dotados das mesmas posições, prenomes, títulos, direitos e funções. (Mauss, 1974, p. 275)

Assim o homem herdeiro passa de sua posição social e ganha notoriedade dentro de seus clãs a partir da herança, máscaras que carregam títulos e posições sociais. Seria certo dizer que a pessoa exerce dois papéis dentro do contexto social? Sim, pois no primeiro momento a pessoa está vinculada apenas a sua função individual, já na segunda ele ganha uma função de coletividade, pois ao “receber” a máscara representa e incorpora novos valores e posições.

A partir do tópico definido por Mauss, caberia dizer que as rezadeiras e rezadores também desempenham duas funções dentro de seus povoados? Sim, pois ambos possuem dois papéis, o de pessoa “comum” e o de pessoa detentora do saber.

Goffman (1975) discute que todos somos atores, onde encenamos diversos papéis⁷ para públicos específicos, pois é natural do comportamento humano falar, mostrar ou interpretar o que queremos que o outro saiba, pois todos têm sua máscara e não podem retirá-la, seja no palco ou bastidores da vida. De acordo com o autor a pessoa em sociedade pode ser comparada ao ator, pois assim como na construção de seu personagem, ambos possuem consciência da impressão que criam. Vale salientar que as rezadeiras e rezadores aqui presentes não agem de maneira cínica ou fictícia e sim adotam posturas que vão de encontro com o papel que lhe é imposto diante de determinadas situações.

Goffman (1975) explica que

O indivíduo se apresenta diante dos outros, seu desempenho tenderá a incorporar e exemplificar os valores oficialmente reconhecidos pela sociedade e até realmente mais do que o comportamento do indivíduo como um todo. (Goffman, 1975, p. 41)

O ser social para além de mostrar, desenvolve papéis, o papel de mãe, de cuidador, de autoridade, entre outros. Que também demonstram autoridade, aqui a rezadeira e o rezador desenvolvem diversos papéis dentro dos povoados, para além de sua casa, possuem papeis que vão da figura de autoridade que cura, para parteira e daí para comadre, como no caso de dona Lauzina que era a cunhada rezadeira, que virou parteira.

No teatro, a criação de um personagem surge com a proposta de criar conexões com o meio social, movimento semelhante ao que os autores defendem, Leonardo Vinicius de Souza (2018) diz que a construção de um personagem dentro do teatro é construída por traços sociais que refletem funções e posições dentro da sociedade, o que permite ao espectador se reconhecer dentro dessas figuras sociais representadas, ou seja, um movimento de fora para dentro. Souza (2018) trata a construção do personagem como um jogo, permitindo que o autor, a partir de seu personagem, represente ações individuais e coletivas dentro das estruturas sociais, ou seja a estruturação do personagem está baseada na vida cotidiana, com intuito de representação, impacto ou reflexão.

⁷ Para Goffman “o papel social” se trata do conjunto de comportamentos e aparências que a pessoa assume ao interagir em determinadas situações, tendo como objetivo de reproduzir uma imagem de si.

Mauss () vem discutir a *persona* a partir das máscaras, onde a pessoa desempenha o papel que lhes foi designado a partir do lhes foi designado, Goffman (2014) traz uma perspectiva de construção do seu papel dentro da sociedade, sendo necessário gerir a impressão do outro sobre si, já Souza () traz a inversão dos papéis onde as máscaras e a performance social são inseridas para a construção do personagem, sendo assim eles definem a pessoa como um personagem com herança, performance e gesto criativo

No caso das rezadeiras e rezadores, a *persona* não é apenas ser/pessoa, mas uma identidade espiritual que foi construída ao longo de seus caminhos, dentro da tradição. Tornaram-se rezador/rezadeira à medida que aceitaram e reconheceram sua função, quando alguém adoece e procura a cura através da reza, a rezadeira ou rezador assume o seu papel que vai além do ser familiar, da pessoa amiga e assume a postura de um tipo específico de autoridade, o que faz a conexão com o sagrado. A partir desse movimento Goffman (2014) nos ajuda a compreender que a construção do personagem se inicia no momento da procura e é sustentado pela fé que cura, fazendo com que seja reconhecido pelas demais pessoas da comunidade.

Assim como em outras culturas ou crenças que possuem uma pessoa que cura, com as rezadeiras e rezadores também existe uma relação para além da pessoa que busca e a pessoa que cura, a relação entre o doente e a eficácia, o rezador e sua fé, sai da ação individual e entra no simbolismo compartilhado e na legitimidade das práticas socialmente. Lévi-Strauss (1975) diz que a eficácia da cura depende da crença, tanto a crença da pessoa que procura, quanto da pessoa que cura e assim se inicia a confiança a partir da opinião coletiva que vai sendo partilhada. A relação entre rezador, fé e o doente gira em torno do saber que não passa pela medicina convencional, mas sim pela confiança e pelo dom. A cura vem pelas palavras, mas a eficácia vem pela confiança.

Assim Brandão (1982) transita entre as ideias apresentadas anteriormente, apresentando a pessoa como o sujeito social, a *persona* como a máscara cultural e o personagem sendo a função simbólica, o autor defende que não são seres distintos e sim formas ou camadas que foram construídas. As rezadeiras e os rezadores são pessoas sociais, mas também são *personas*, trazem consigo uma máscara ancestral, carregam consigo uma máscara de rezador/rezadeiras que vieram antes deles que foi aceita, pelo chamado ou de maneira espontânea que os transformam em personagens que carregam a

simbologia da fé comunitária, construída a partir da confiabilidade e da segurança que eles proporcionam.

A partir das vivências das rezadeiras e rezadores percebemos que a construção da pessoa ao personagem são papéis que foram transformados e legitimados a partir de suas práticas, e percebemos o papel espiritual que foi herdado e posto em prática, que está sendo encenado no cotidiano e sustenta o simbolismo dentro das suas comunidades.

2.1 Reconhecimento de suas práticas: “Quem sou eu?”

O reconhecimento público é de suma importância para a validação da reza, mas só se procura uma rezadeira ou um rezador quando se acredita e confia na força de sua prática. Segundo Melo (2021), a eficácia da reza depende mais da fé do rezador do que da pessoa rezada, contudo, a procura pelo rezador é já, em si, um ato de reconhecimento prático e confiante, que antecipa a expectativa de cura.

Tim Ingold (2015) propõe que o conhecimento e o fazer se entrelaçam na caminhada da vida: não há separação entre teoria e prática, mas um contínuo movimento de aprendizagem, onde se molda o saber pelas práticas vividas. Assim também se constrói o protagonismo dos rezadores e rezadeiras: suas trajetórias são tecidas nas experiências de vida, no reconhecimento comunitário e no aprimoramento sensível de seu fazer entrelaçado aos seres com que interage nessas múltiplas relações que são simplificadas na fórmula rezador-paciente ou parteira-parturiente

Assim, o processo de reconhecimento desses rezadores em seus povoados surgiu no exato momento em que a procura começou a acontecer. Ambos, seu Zé, dona Lauzina vieram de vivências regadas de trabalho, dificuldades e contato próximo com práticas tradicionais, e iniciaram o benzimento de maneira espontânea a partir da convivência e relação com as práticas de seus familiares, mesmo que tenha ocorrido de forma despretensiosa. Um movimento que para Ingold (2021), trata-se de uma trilha de movimentos e crescimentos, que ambas revelam uma relação que vai além de uma “coisa e outra”, é uma “*trilha ao longo da qual a vida é vivida*” (Ingold, 2021 p. 118. Grifo no original), uma trilha entrelaçada a outras de relações que eles agenciam quando indicam os eventos a partir dos quais propõem ser os que deram inícios a suas práticas.

Seu Zé denomina suas práticas de “chamado”. Conta que seu pai era rezador e “adivinho”, mas que ele, em sua juventude, não se interessava por seguir o mesmo caminho. Apenas aos 31 anos, oito anos após o falecimento de seu pai, começou a rezar primeiro apenas para seus familiares, após um sonho com o pai rezando em uma pessoa, o que interpretou como “chamado”.

Dona Lauzina, foi regada de influências, sua mãe era “adivinha” e costureira de mortalhas para bebês natimortos e crianças, o papel de sua mãe era preparar a família para o inevitável e cuidar dos corpos para sepultamento, seu pai “apenas” rezava. Ela por sua vez, iniciou sua trajetória de rezadeira na brincadeira, influenciada pelo pai, que pedia

para ela rezar nele sempre aos finais de semana com a justificativa do melhor descanso, mas foi aos 19 anos, após se casar, que passou a rezar com seriedade.

A partir desses relatos nota-se os múltiplos caminhos percorridos para que ambos se tornassem rezadores, Ingold (2021) o autor diz que a pessoa é continuamente feita e refeita em seus encontros e a partir do movimento com o outro se constrói o entrelaçamento dos caminhos, pois

Este entrelaçamento é a textura do mundo [...] os seres não ocupam simplesmente o mundo, eles o habitam, e ao fazê-lo – costurando seus próprios caminhos através da malha – contribuem para a sua trama em constante evolução (Ingold, 2021, p. 121)

Relacionando a fala do autor com o ambiente aqui descrito, os personagens (as rezadeiras e rezador) são partes ativas em uma rede de relações que foi construída em torno do dom, um movimento que se constrói num movimento contínuo a partir das relações.

O processo de reconhecimento desses dois rezadores para com suas práticas foi um percurso que se construiu através de seus pais, ambos conheciam e participavam das práticas e ritos de benzimento, de forma direta ou indireta, ambos os rezadores tiveram um processo de construção com as práticas de benzimento, porém só passaram a entender o crescimento e reconhecimento dos outros para com sua prática quando passaram a se questionar e perceber a confiança dos outros para com eles.

Dona Lauzina seguia benzendo, mas só passou a reconhecer as suas práticas quando seu cunhado foi buscá-la para fazer o parto de seu primeiro filho, assim passou a se questionar o porquê de estar sendo procurada, assim ela diz “vieram me buscar é porque confia em mim, né!”. já seu Zé diz que percebeu a sua importância quando dona Maria, uma senhora que também rezava estava doente e pediu para buscá-lo. ele relata que ficou surpreso, mas que foi nesse momento que percebeu “que eu faço o bem”.

Como dito anteriormente, dona Maria Preta era conhecida como uma rezadeira “fina”⁸ dentro dos povoados, ela era reconhecida tanto por suas rezas quanto pelos partos realizados, todos bem-sucedidos, assim ela possuía grande credibilidade dentro dos povoados e quando seu Zé foi chamado pra benzê-la, ganhou confiança e respeito pelas pessoas dos povoados.

⁸ Fino ou fina na gíria se refere a uma pessoa que possui grande conhecimento e ou informações sobre algo, nesse caso, quando se referiam a ela, era em respeito e reconhecimento por suas práticas eficazes.

O protagonismo público de seu Zé se desenha a partir de um evento especial: foi chamado por Maria Preta, uma rezadeira respeitada do povoado, que, adoecida, confiou-lhe seus clientes. Seu Zé relata:

O povo vem atrás e vem por causa da crença, não é que vou procurar ninguém, se fosse assim ninguém nunca sabia disso. Sabem por que dona Maria Preta um dia adoeceu, me chamou para ir e quando eu cheguei lá a clientela dela estava lá e enramou, como ela pediu aí esbanjou, já fui para a Bandinha⁹ e outros povoados.

Assim, as linhas da vida de seu Zé, antes discretas e reconhecidas pelo público deixado por seu pai, se expandem e se entrelaçam às de outros rezadores, construindo sua fama e reconhecimento para além do seu povoado.

A trajetória de protagonismo de dona Lauzina começou a ganhar visibilidade com o nascimento do primeiro filho de seu cunhado:

Foram os filhos do finado Arnaldo, porque vinham ligeiro e não dava tempo de ir buscar. E outra, para ir atrás da finada Antônia lá era mais longe e eu estava ali pertinho. Já rezava já. E disseram 'vamos fazer aqui um jeitinho, vamos.' Parece que um negócio me chamava, não é? Que sabia mesmo que eu fazia aquilo ali, não é possível.

A partir daí, além de rezadeira, dona Lauzina tornou-se parteira do povoado Lagoa dos Ferros, realizando mais de vinte partos, sendo madrinha de quatro dessas crianças. Seu caminho se ampliou, como uma linha que vai se tecendo entre a cura e o nascimento, reafirmando sua grande importância para a comunidade.

Assim as figuras das rezadeiras e rezadores ganham autoridade. Bourdieu (2013) descreve essa autoridade como algo que vem regado de prestígio e de poder simbólico, que legitima o lugar do rezador na vida social, sendo assim o prestígio uma autoridade sendo reconhecida através da aceitação coletiva.

Os relatos acima evidenciam, portanto, que o dom de benzer e curar não é algo simplesmente herdado ou ensinado de modo formal, mas nasce de vivências, de chamados internos e de reconhecimentos coletivos, onde a prática se mistura ao ser e à trajetória pessoal exatamente como Ingold (2015) aponta ao descrever as linhas e malhas como uma metáfora para o percurso da vida, sendo o movimento, as experiências e o que se aprende ao decorrer da vida, porém o autor diz que não é uma linha reta e sim a linha irá

⁹ Bandinha é um povoado do município de Fátima. Seu Zé o cita, por ser um povoado distante e mesmo assim foi lá diversas vezes pra rezar em alguém

se conectando com outra se tornando assim um emaranhado, uma malha, relações que se conectam.

Ingold (2021) discute o fluxo das relações, pois as práticas de benzimento emerge das relações e das experiências partilhadas que vão sendo reconhecida e validada. Ambas os movimentos se tornaram visíveis a partir da constância ao serem procurados, não apenas por serem pessoas que detém de um saber, mas pelas relações que forma construídas dentro e fora dos povoados, assim sinalizando o protagonismo estruturado socialmente e constantemente atualizado.

Para Ingold (2015), os percursos da vida se desenham em linhas entrelaçadas de experiência e prática, e é na organização dessas linhas que se dá o reconhecimento dos rezadores. Para Ingold (2015), a prática não é apenas um fazer; é um modo de ser no mundo, e o reconhecimento é fruto de uma vida entrelaçada ao fluxo das experiências comunitárias.

Para entender o protagonismo a partir da frequência que eram procurados, obtive diversas respostas;

Dona Lauzina contou:

Às vezes vinha só uma pessoa só. A pessoa que sofria, que estava doendo em qualquer lugar. Cabeça, tontura ou isto e aquilo outro, vinha para eu rezar, né? (...) Melhorava. Mas não era muita gente não, só aquela pessoa mesmo.

Seu Zé relata:

Tem dias que chega 10, 12, 20 pessoas, mas também tem dias que não vem ninguém... Às vezes de tanto rezar que embola a fala.

Dona Zuzinha afirmou:

Graças a Deus, de vez em quando chega um pra rezar

Ao decorrer das visitas, percebi que, em um mês, Dona Lauzina não foi procurada e seu Zé atendeu cinco. E ao decorrer dos meses os números de visitas iam variando, em três meses dona Lauzina recebeu 10 pessoas e seu Zé apenas sete pessoas, esses números podem ou não falar sobre o grau de reconhecimento das práticas das rezadeiras e rezador, porém esses números são relativos dentro de um curto prazo entre uma entrevista e outra.

O movimento que constrói o personagem social do rezador ou da rezadeira é feito, como Ingold (2015) aponta, ao longo das linhas/caminhos de vida e prática, não apenas

por habilidade, mas pela constância de relações que consolidam o reconhecimento social. Seu Zé é amplamente conhecido nos povoados e cidades próximas.

Em contraste, Dona Zuzinha e Dona Lauzina são mais restritas ao seu próprio povoado, o que revela, segundo Bourdieu (2005), a relação entre trajetória social e reconhecimento. Pode-se interpretar ou justificar o grau de reconhecimento fora dos povoados a partir da divulgação entre as pessoas que os procuram ou que os indicam.

Para entender o reconhecimento a partir dos seus próprios sentimentos e como se dá a construção da relação entre as rezadeiras e rezador com seus dons, busco entender o que eles sentem no momento do ato da reza.

Dona Lauzina:

Me sinto muito feliz e agradecida, principalmente quando sei que a pessoa melhorou, saber que eu ajudei a sarar, me deixa feliz.

Seu Zé diz:

Fico feliz, mas às vezes sinto arrepios e moleza.

Dona Zuzinha:

Só penso em Deus e peço força para ajudar a pessoa. A cura vem de Deus, sou apenas a passagem.

Os relatos indicam que o ato da reza é uma expansão do corpo, em que a percepção corporal e de crer que se intensifica no contato com a experiência com quem procura. Ambos os rezadores possuem relatos distintos, apesar da demonstração de gratidão ao observar a cura. Dona Lauzina enfatiza sempre a alegria e a gratidão em ajudar, porém nota-se que ela sempre aguarda um retorno com a confirmação da cura, já seu Zé declara sempre a sua felicidade, mas afirma que para além da felicidade de estar fazendo o bem, diz que a prática o afeta, nesse relato ele diz que sente uma moleza, o mesmo explica que essa moleza que seu corpo sente é o efeito colateral que a prática causa em seu corpo.

Já dona Zuzinha afirma que todo o ato de benzer ela está solicitando a força de Deus, porque ela deixa subentendido que é apenas o receptáculo de Deus, porém o que podemos notar na passagem de ambos, é que apenas seu Zé diz que a reza o afeta, dona Lauzina traz um relato semelhante, mas não possui a mesma intensidade que seu Zé traz. O tópico será discutido no capítulo 4, mas vale ressaltar que nenhuma das experiências entre as rezadeiras e rezador aqui presente são iguais, pois como dito anteriormente as práticas vão se moldando de acordo com a vivência de cada rezador.

As práticas de benzimento incorporam, assim, tanto a ação quanto o afeto. Para compreender a junção de ação e afeto, questionei sobre a importância da reza em suas vidas e como eles lidam com a intimidade construída com as pessoas que os procuram.

Dona Lauzina reconhece:

O que peço, às vezes a reza me ajuda. É plantar e colher... Eu estou aqui para ajudar. Tem gente que chega aqui pede para rezar e depois começa a conversar. Eu gosto, é bom para mim e para eles.

Seu Zé:

A melhor coisa é ouvir alguém dizer: ‘sarei’. É melhor do que ganhar mil ou dez mil, não tem nada que pague... As vezes eles chegam começam a conversar, pedem para rezar. Oxente tem gente que vem rezar e passar quase o dia conversando, fala de tudo.

Dona Juzinha:

Me ajuda a ajudar os outros.

Percebe-se que nos dois casos existem a liberdade e a confiança de pedir uma reza e ficar para conversar sobre “tudo”. Bem como no caso de dona Lauzina ao dizer “*é plantar e colher*” o que pode ser associado a passagem

A coisa dada produz a sua recompensa nesta vida e na outra. Aqui, engendra automaticamente para o doador uma coisa como ela, não está perdida, reproduz-se; além, encontra-se a mesma coisa, aumentada. (Mauss, 2003, p. 280)

Pois na lógica da dádiva o que é dado nunca se perde, assim quando dona Lauzina fala “*quem planta colhe*” ela quer dizer que o bem será retribuído em algum momento de sua vida.

Aqui entendo que a importância da prática é como as linhas de Ingold (2015) sugere, se dá na reciprocidade: a reza não é apenas um meio de ação sobre o outro, mas uma construção mútua de ser e de estar no mundo, o ato rezar vai além de um pedido para alcançar a cura, mas se transfere para a construção de uma identidade na relação com o divino o que implica na conexão e no comprometimento com o povoado, uma relação de comprometimento com o outro e consigo, promovendo o pertencimento dentro desse grupo e o reconhecimento por parte do mesmo.

Para compreender a construção da importância questiono sobre como eles se veem dentro das comunidades, se se consideram figuras importantes.

Dona Lauzina diz:

Ave Maria, me considero sim.

Seu Zé:

Me acho importante, senão ninguém me procurava.

Dona Zuzinha:

Gosto quando me procuram.

Todos os entrevistados se veem como peças fundamentais dentro de suas comunidades, tecendo suas identidades a partir das relações que os constituem. Retomando a discussão inicial, é visível que Seu Zé ocupa um lugar de maior visibilidade, enquanto Dona Juzinha e Dona Lauzina atuam dentro de seus povoados, porém Ingold (2021) reforça cada habitante deixa uma trilha. Onde habitantes se encontram trilhas são entrelaçadas, conforme a vida de cada um vincula-se à de outro. “Cada entrelaçamento é um nó, e, quanto mais essas linhas vitais estão entrelaçadas, maior é a densidade do nó.” (Ingold. 2021 p. 219) Ou seja, o alcance de geográfico de suas práticas não é importante, mas sim a confiança que as pessoas têm para com os rezadores e o “nó” que é criado no momento da procura, esse nó representa um encontro entre a rezadeira e o “paciente” que cria vínculos e cria uma experiência compartilhada de cura que gera um movimento de retorno e propagação.

Assim, as trilhas da vida, do movimento e do reconhecimento dos rezadores e rezadeiras, traçadas na convivência com a comunidade, constroem suas identidades em contínuo entrelaçamento de caminhos com as pessoas que os buscam, assim a malha vai se movimentando (seguindo) e se entrelaçando (criando conexões). Nota-se que para além dos “nós” aqui descritos, existem as relações que foram herdadas, mediadas ou transformadas por outras pessoas, essas linhas fazem parte dos encontros e desencontros das linhas de vida das rezadeiras e do rezador. No caso de seu Zé nota-se diferentes movimentos. Ele já possuía uma relação com dona Maria, por viverem no mesmo povoado, porém essa relação foi se estreitando no momento que ela a busca para benzê-la, uma rezadeira com prestígio que necessita de seus cuidados, a partir desse movimento outros “nós” se entrelaçam a seu Zé. No caso de dona Lauzina sua própria relação com os seus dons e a relação do outro para com ela, a confiança para além dos dons de cura.

E assim os vínculos sociais se modificaram e a ambos receberam papéis e novas demandas.

2.2 Construção do personagem e o seu papel na vida social

As rezadeiras ou benzedadeiras são conhecidas no Brasil desde a colonização. Aqui suas práticas se originam da cultura indígena e africana, porém em levantamentos anteriores compreendi que as práticas de cura e manipulação de ervas são conhecidas e em diversas culturas e tempos.

Claudia Santos da Silva (2009) diz que as rezadeiras contribuíram de diversas formas para a construção da cultura brasileira principalmente a popular. Silva (2009) continua a afirmar que as rezadeiras são um elemento importante para a preservação da memória coletiva e a construção das relações dentro e fora da comunidade e que as rezadeiras reafirmam:

A permanência das tradições e crenças na comunidade, o que influencia diretamente no comportamento de dada comunidade, bem como pode colaborar para a tomada da consciência da sua identidade cultural.” (SILVA, 2009, p. 14)

As rezadeiras/rezadores têm consciência de suas práticas e as reconhecem como uma tradição vinda de seus pais, eles compreendem o seu papel na comunidade a partir de seu dom.

Ao refletir sobre ser um dom individual ou familiar, dona Lauzina diz ser a única dos irmãos que possui o dom de benzimento. dona Juzinha não soube me dizer se algum de seus irmãos possuía ou não o dom, já seu Zé quando questionado se mais algum irmão benzia, disse

Rapaz, eu posso dizer por mim, esse meu irmão aí diz que começou a rezar e eu não estou vendo nada” o mesmo apresentou descrença por seu irmão não rezar em ninguém, logo após o relato seu Zé diz, “ele tem uma casinha, cuida de santo”¹⁰.

Pelo relato de seu Zé, pode-se perceber um certo incômodo em reconhecer o dom de seu irmão, talvez seja pelo fato de o irmão cuidar de um santo e ser uma prática voltada a religião de matriz africana. Ele não se aprofundou sobre as práticas de seu irmão, porém o irmão de seu Zé não realiza benedições da mesma maneira que ele e suas práticas estão voltadas diretamente ao candomblé.

¹⁰ Nos povoados dessa região é uma prática relacionada a religião de matriz africana, onde o indivíduo recebe o chamado da entidade e tem por obrigação criar o seu altar e zelar do mesmo. A pessoa que recebe o chamado nem sempre é adepto a religião e nem é obrigado a realizar o processo de iniciação na casa. Geralmente as casinhas de santo são feitas fora da casa de moradia em local que não fique exposta aos olhares.

O dom das rezadeiras e rezadores é um dos pontos de partida para a construção da relação rezador e paciente, estando pautada no reconhecimento de suas práticas através da veracidade do dom e assim a construção da confiança. Em alguns casos pessoas de povoados distantes que não o conhecem, porém possuem a confiança através de relatos das relações próximas. Dentre os três rezadores aqui discutidos seu Zé é o rezador que mais possui essa rede de relações, podemos perceber nesse relato “tem dias que chega, 10, 12, 20 pessoas”. Essa alta procura está baseada “nas relações de cuidado e confiança, que extrapolam o universo do benzimento”. (LEWITZKI, 2019, p. 233), pois as relações que são construídas com as rezadeiras e rezadores se dão de diversas formas, solidariedade que acionam memórias relações de amizades, parentesco, compadrio, indicações diretas ou indiretas, como no caso de seu Zé que ficou reconhecido quando foi rezar em dona Maria e retornos, como dona Lauzina relata¹¹

É meio que um acompanhamento, né? Reza uma vez, reza uma vez, tá melhor, mas não tá bom ainda. Aí vem de novo. Já teve muitos casos assim, às vezes, tá mais melhor assim. Aí eu digo, vem, vem amanhã que eu rezo de novo. Aí reza três dias. Eu gosto de rezar três dias. Assim, vem hoje, amanhã, depois. Aí acaba de melhorar.

A procura pelas práticas de benzimento nos leva a refletir sobre a importância das rezadeiras e rezadores dentro da comunidade. Marcel Mauss (2003) discute as variações sobre o entendimento e construção das relações que compõem o si mesmo e o outro em distintas sociedades atuais e em diferentes tempos das sociedades com escrita, e como ela influencia nossas interações com os outros. O autor ressalta que a capacidade de nos identificarmos com os outros e de nos colocarmos em seu lugar é essencial para a convivência social.

Já Carlos Brandão (1982) retoma Mauss e vem explorar a construção do personagem, através de sua relevância e destacando a importância de reconhecer que somos tanto personas que utilizam de máscaras sociais para construir relações enquanto indivíduos com experiências e identidades próprias. O autor diz que somos construídos a partir de cada relação.

Os autores discutem outras sociedades e como a pessoa é construída, na sociedade Zuni, Brandão (1982) diz partindo da discussão da noção de pessoa de Mauss () que todos

¹¹ Esse relato se trata de uma das doenças que necessita de um tratamento consecutivo de bênçãos, a doença aqui citada por dona Lauzina como “olhado nas tripas”, uma doença intestinal, não citarei um nome da medicina convencional, pois seria necessária uma análise dos sintomas.

os membros da comunidade possuem a mesma ordem simbólica o que difere da nossa, o autor diz que os Zuni se articulam a partir de sistemas de posições (Brandão, 1982, p. 7), onde cada posição está associada aos papéis sociais específicos, sendo funções que cada pessoa desempenha dentro do grupo, onde as interações acontecem por meios de normas e/ou expectativas que regem como as pessoas se relacionam umas com as outras, onde se cria uma rede de interações. Brandão (1982) diz que “toda a sociedade humana é, de um modo ou de outro, uma estrutura constituída a partir de interações, de trocas, de relações enfim entre pessoas, entre grupos de pessoas, entre coletividades ainda maiores, a que damos o nome de processos sociais.” (Brandão, 1982, p. 21) o autor explica que toda e qualquer sociedade possui uma estrutura que define as relações. Na relação das rezadeiras/rezador para com os pacientes, essa distinção de posições que é denominada de estrutura por Brandão (1982), se aplica, pois os pacientes os veem como pessoas que possuem grande relevância por terem uma ligação direta com o sagrado, já no contexto da relação com o sagrado. (REESCREVER E DEIXAR CLARO)

Maria Roseli Santos (2019) a partir da religiosidade Amazônica discute os saberes e as relações entre o cotidiano e o sagrado e explica o sagrado como algo que está além do entendimento e da realidade cotidiana, mas ao mesmo tempo faz parte de tudo e está presente em todas as manifestações do universo, conecta a pessoa com algo maior e mais profundo, transcende a compreensão e permite um sentido mais amplo e completo em crer. A partir da perspectiva de Santos (2019) e da ligação com as rezadeiras e rezador entende-se que a relação com o sagrado vai além de acreditar e sim potencializar a cura.

Brandão (1982), assim como Mauss (2003) trazem as mudanças dos conceitos de persona, ou seja

A própria palavra pessoa é latina, vinda do grego. Entre os gregos é *Qóσωov*: máscara, persona: uma figura de madeira colocada com símbolo de identidade e como sinal de proteção no mastro da proa dos barcos. Mais tarde torna-se o personagem que cada indivíduo é, sonha, deseja ou luta por se tornar e ser. Mais tarde ainda a palavra significa a personalidade humana, e, entre gregos e romanos, também divina, pois os deuses eram como os humanos, sujeitos individuais de suas próprias diversas (e não raro contraditórias) personalidades. Pessoa traduz igualmente o latim persona, que procede de per sonare (pra soar, ressoar), a máscara que no teatro ritual grego cada personagem usa sobre o rosto, e através de cujo orifício sai o som de sua fala. (Brandão, 1982, p. 10)

Na definição do autor nota-se algumas alterações na palavra, mas ambos nos remetem ao ser como pessoa/personagem, temos aqui o personagem como uma criação, percebe-se tópicos importantes, onde os autores apresentam o personagem não como uma invenção, mas como a criação de um herdeiro¹², naquele momento que tem em posse um objeto sagrado, assim interpreto as rezadeiras e rezador como personagem semelhante a definição dos autores, pois herdaram um “objeto” sagrado, o dom de benzimento, porém o personagem que aqui me refiro, possui uma rede que de forma indireta articulou a importância desse personagem dentro da comunidade. Brandão (1982) reforça que o personagem é caracterizado como um "sujeito personagem", cuja posição na sociedade e na estrutura simbólica é definida por influências como origem e laços familiares, e não apenas pela própria individualidade.

Brandão (1982) diz que os seres humanos são sociais, pois precisam aprender a se relacionar, e para a legitimação da pessoa dentro da sociedade é necessário compartilhar experiências simbólicas, como vestuários, linguagem, crenças, representações sociais, entre outros, para assim formarem as relações que irá legitimar o homem como personagem.

Nesse sentido, a construção do personagem desempenha um papel fundamental na vida social, pois é através da forma como se apresentam e se relacionam com os outros que se constrói a identidade e se estabelece vínculos sociais. A maneira como se constrói o personagem reflete nos valores, crenças e experiências e influencia a forma como é percebido pelos outros e como se relacionam entre si.

A formação dos rezadores Seu Zé, Dona Lauzina e dona Zuzinha como figuras reconhecidas em seus povoados pode ser interpretada, a partir de Mauss (2003) e Brandão (2007), como um processo de construção social do personagem. Trata-se de um movimento no qual a prática do benzimento, inicialmente uma experiência pessoal, vai sendo legitimada pelo reconhecimento coletivo, transformando o indivíduo em personagem social, cuja existência só se realiza plenamente a partir da malha das trocas simbólicas e afetivas da comunidade. Que no caso dos rezadores aqui presentes aconteceu a partir do momento que reconheceram o seu dom e foram reconhecidos por suas práticas.

¹² A definição de herdeiro é cultural e irá variar entre diferentes sociedades. Entendemos herdeiro como alguém que irá receber algum bem material, papel ou tradição de seus antecessores. Brandão (1982) traz esse mesmo sentido ao dizer que herdeiro era a pessoa que herdava a máscara por ter o nome que herdava e serem o personagem que eram.

Segundo Mauss (2003), toda dádiva envolve o circuito da tripla obrigação: dar, receber e retribuir. O dom, nesse sentido, é sempre portador de laços sociais e, mais do que objetos ou serviços, envolve a circulação de reconhecimento, status e pertencimento. Os dons que Seu Zé e Dona Lauzina oferecem, como: a reza, a cura, o acolhimento, o parto não são simples gestos individuais, mas atos carregados de significados sociais. Ao oferecer suas práticas de cura, eles participam de uma economia simbólica, onde o que se troca é saúde, proteção espiritual e, em troca, o respeito, a gratidão e o reconhecimento público.

O reconhecimento desses personagens ocorre em momentos-chave: Dona Lauzina torna-se rezadeira respeitada após atender ao nascimento do primeiro filho do cunhado (irmão do seu esposo), dona Lauzina foi chamada, pois, a criança já estava coroada e não daria tempo de buscar a parteira mais próxima, assim demonstram a confiança nela em buscá-la, e assim ela passa a ser também parteira, realizando mais de vinte partos em sua comunidade. Seu Zé, por sua vez, inicia seu caminho após ser chamado por Maria Preta, outra rezadeira importante, e rapidamente sua atuação se expande para outros povoados. Esses episódios marcam momentos de mudança individual, mas também momentos de entrada definitiva no circuito social da dádiva: a partir dali suas práticas são esperadas, procuradas e, de certa forma, "devidas" à comunidade.

Carlos Brandão (2007), ao discutir a ideia de personagem, propõe que não somos apenas sujeitos individuais, mas também sujeitos interpretados e construídos socialmente. O personagem, segundo Brandão, é aquele que se constrói em meio a um tecido de expectativas culturais e relações sociais. Nesse sentido, Seu Zé e Dona Lauzina não apenas "são" rezadores: eles "se tornam" rezadores na medida em que a comunidade os reconhece, os procura e os inscreve em narrativas locais de cura, fé e tradição. Essa construção de personagem envolve tanto uma dimensão interna quanto externa. Internamente, os próprios rezadores passam a se perceber e agir a partir desse novo lugar social. Dona Lauzina relata que "um negócio me chamava", reconhecendo em si mesma uma força ou vocação latente que aflora e que se confirma no ato de benzer e fazer parir. Seu Zé, por sua vez, fala em "chamado" para descrever o momento em que a prática da reza se torna parte inseparável de sua identidade. Externamente, a comunidade reforça essa identidade por meio da procura, da confiança depositada e das histórias contadas sobre suas curas e ajudas.

A trajetória dos rezadores, portanto, mostra dinâmicas do dom social descrito por Mauss (): aquilo que se oferece voluntariamente carrega um conjunto de obrigações invisíveis, tanto para quem dá quanto para quem recebe. Seu Zé e Dona Lauzina oferecem suas práticas como dádivas, mas, uma vez reconhecidos como rezadores, esperam-se deles certas atitudes, certas respostas à dor e à necessidade alheia. Eles passam a ocupar um lugar quase institucionalizado dentro das relações sociais, onde sua prática se torna um componente vital da vida comunitária.

Por essa razão, a construção dos personagens rezadores não pode ser entendida como uma mera expressão individual de vontade ou habilidade. Trata-se de um processo em que a identidade se entrelaça com as tramas sociais, os circuitos de troca e as expectativas coletivas. A vida social, nesse contexto, não apenas permite, mas exige que certas figuras, como o rezador, a parteira, o curador, sejam construídas e mantidas como personagens fundamentais para a continuidade simbólica da comunidade.

Ingold (2022) traça as relações na história das linhas, associando-as a atos do cotidiano, construindo as relações que ligam a pessoas, objetos, lugares ou ao fazer, “a vida [...] não é confinada no interior de pontos, procede ao longo de linhas” (Ingold, 2022, p 104), ou seja, para o autor a concepção de tempo e movimentos está baseado nas linhas, mostrando que elas podem ser usadas para traçar narrativas e contar histórias. “linha não tem fim. E como na vida, o que importa não é o destino, mas todas as coisas interessantes que ocorrem ao longo do caminho” (Ingold, 2022, p 170), associa a jornada das rezadeiras às linhas do autor, pois o dom do benzimento é um percurso infinito que para além de percorrer os caminhos das rezadeiras perpassa as relações com a comunidade, se transformando em uma tradição que é mantida entre as gerações. As práticas de benzimento são práticas que se emaranham como o tempo, o cuidado e a memória.

Percebe-se esse emaranhado quando os rezadores contam histórias das práticas de seus pais e como eles lidavam com o cuidado. Dona Lauzina diz que observava seu pai e sua mãe em seus diversos momentos de cuidado, sua mãe não era parteira e não era rezadeira, sua mãe era adivinha e adivinhava quando a criança estava para falecer ou não, dona Lauzina diz:

Mãe sabia cada cantiga bonita, minha filha, quando os meninos morriam. Oi, você chorava, mãe era linda. E eu não sei de nada de nada, tapou mesmo.

Apesar da admiração por sua mãe, dona Lauzina construiu sua vida em torno de seu pai, pois começou a trabalhar muito jovem. ela diz que observava seu pai rezar da

mesma maneira que observava sua mãe, mas somente aprendeu as práticas de seu pai, assim ela relata que aos finais de semana seu pai pedia para que ela rezasse nele, assim ela diz “ele sentava no chão e dizia Lauzina vem rezar em mim” e ela acrescenta que ia toda feliz buscar seu ramo e que rezava por brincadeira. Dona Lauzina não foi ensinada, mas preparada, dona Lauzina e Lourenço foram os últimos filhos a saírem de casa, seu pai faleceu primeiro e logo depois a sua mãe.

Seu Zé descreve um pouco da relação com seu pai que também era rezador e adivinho, para além de seu dom, o pai de seu Zé tinha a sua profissão com couro e assim ele descrevia como era a profissão para seus filhos, acredito que na tentativa de que algum deles continuasse seu ofício, porém nenhum dos filhos manteve a profissão, seu Zé justifica:

A gente (ele e seus irmãos) não aprendeu, porque trabalhávamos a semana toda e no final de semana os mais velhos saíam e os mais novos iam brincar e aí quando os menores ficaram maior, pai já não trabalhava mais...

E afirma “*pai era muito inteligente*”. Seu Zé relata que via seu pai rezar, mas não observava, nos momentos que mais o observava era nas refeições, ele relata que tinha um fogão no chão da sua casa e todos se sentavam em círculo ao redor, mantendo a ordem, seus pais um ao lado do outro, seguindo a ordem do mais velho ao lado seguindo do mais filho mais velho para o mais novo que ficava ao lado de sua mãe (abaixo segue uma foto do local que se reuniam), seu Zé disse que foi um dos últimos filhos a sair de casa, mas retornou após o divórcio e continua a cuidar da sua mãe desde o falecimento de seu pai na década dos anos 90.



Figura 14: seu Zé explicando a posição de cada um em suas refeições

Aqui percebemos como seu deu a passagem dessa tradição, ambos, dona Lauzina e seu Zé possuíam uma relação de admiração pelos seus pais e permaneceram em casa após todos os outros irmãos saírem. Dona Lauzina poderia ter aprendido as práticas de sua mãe, mas foi escolhida pelas práticas de seu pai, já seu Zé poderia ter aprendido alguma das outras práticas de seu pai, mas foi escolhido pelo cuidado e tem consciência disso, pois relata:

Eu peguei, foi dele (dom). Como eu disse a você, ele não me ensinou. Agora, eu não faço o que ele faz de saber quem roubou. Muita gente me dá testemunha dele, eu vou lá pra Santana onde o povo andava e, rapaz, o povo fala.

3. CAMINHOS E MOVIMENTOS – CONSTRUÇÃO DAS RELAÇÕES

3.1 Sacrifício pessoal

Quando se pensa em sacrifício por parte da rezadeira e do rezador, não é apenas deixar de fazer algo ou ir a algum lugar. Aceitar e compreender e desenvolver o dom do benzimento é um processo de doação corporal, emocional e espiritual. As rezadeiras e rezadores têm uma obrigação para com quem os procuram e a cumprem com dedicação e cuidado. Essa relação das rezadeiras e rezadores para com sua obrigação, pode ser interpretada a partir de Mauss (2005) como o movimento de troca simbólica entre o dom e as obrigações mútuas. Para Mauss (2005) nenhum dom é gratuito, pois ele sempre vem regado de obrigações e retorno, não somente materiais, mas sociais e coletivos, sendo um ciclo que mantém os vínculos e uma aliança dentro das comunidades.

Deilson Trindade (2013) traz em seu texto o cuidado das rezadeiras com os pacientes e a comunidade, para além de trazer uma reflexão sobre a relação com a tradição. O autor em determinado momento diz, a partir da análise de seus depoimentos, que o dom é uma dádiva dada por Deus e que quem possui a dádiva deve exercer o seu ofício sem cobrar nada, reforçando que a vida das rezadeiras e rezadores é voltada para a comunidade e seus pacientes, onde eles criam uma obrigação responsabilidade com o que lhes foi dado, pois antes da construção da relação com a comunidade, há a relação da rezadeira/rezador com seu dom. seu Zé diz que sua relação com o dom perpassa pela gratidão de ter sido escolhido por ele, assim relata o início de sua prática:

eu sonhei, aí no outro dia chegou um rapaz aqui e disse ‘rapaz você reza’ e aí eu disse que não, mas ele pediu e aí eu rezei e aí deu bom [...] eu me sinto agradecido, me sinto agora só não tenho que fazer nada de errado [e explica quais são as coisas erradas que não pode ser feita] Se pegar esse dom assim e vai rezar, você não vai até fazer coisa errada, nem dinheiro. Ir atrás de dinheiro. Eu me sinto realizado. Eu nunca pensava que ia chegar de rezar em ninguém.

A relação com dona Lauzina aconteceu de forma distinta como dito anteriormente suas práticas se iniciaram como uma brincadeira ao rezar em seu pai, e descreve sua relação o dom de maneira leve, e deixa implícito que sua relação com o dom é uma troca ao dizer: Eu me sinto muito feliz e outra que, às vezes, até eu tô, eu tô meio ruim, aí eu mesmo me benzo e me ajeto. E eu me sinto feliz.”

Raquel Cornélio Marin (2017) reforça de forma mais direta a responsabilidade que o dom de benzimento carrega, a autora diz que o ofício requer sacrifícios e abnegações em prol do paciente, pois ao aceitar o dom a rezadeira ou rezador vive com o dom e com paciente. Marin (2017) interpreta o sacrifício como uma “dívida” com o sagrado, mediante a disponibilidade e a não cobrança, onde a dívida que a autora traz pode ser interpretada com a estrutura simbólica de ordem, onde as rezadeiras e os rezadores intermediam um elo entre os vivos e sagrado.

A partir da interpretação de Marin (2017) da dívida com o sagrado, questionei as rezadeiras/rezador quais abdições foram feitas em prol do dom, visita ou chamado dos pacientes.

Seu Zé em seus relatos diz que o que perdeu e o que sente

Quando alguém vem aqui e pede pra eu rezar, eu não vou pro trabalho e só vou depois de rezar, meu tempo não importa nada mesmo. Se eu estiver aqui, eu faço a obrigação para todo mundo. É para gato, é para todo mundo. [...] oxente, como diz. Já afinei as pernas de tanto ir à casa dos outros [...] estou velho, mas ainda vou rezar [...] já deixei de ir para a roça, não fiz a feira, mas não acho ruim.

Já Dona Lauzina relata que

Oxe, minha vida foi deixar coisa para traz! E quando era menino para rezar, misericórdia? larguei bicho com fome; deixei seu pai sozinho, quando faz o que foi para ser feito, somos felizes.

“Pegar” o filho do outro era mais importante, no momento, do que seu filho. Ambos os rezadores informaram deixar as suas obrigações consigo e com sua família para atender as pessoas que os buscam. Questionei a ambos o porquê dar a prioridade para a reza e o porquê não pedir para que retornasse em outro momento. Seu Zé me disse “não posso fazer isso, é minha obrigação! As [minhas] coisas eu posso fazer depois.” Já dona Lauzina disse “Eu fui escolhida! não posso deixar de rezar, eles são mais importantes.”

A partir desses relatos, percebe-se que as abdições vão desde perder um dia de trabalho até deixar de lado tarefas domésticas ou cuidar de seus próprios familiares e que eles dedicam suas vidas em serviço aos outros, colocando as necessidades dos “pacientes” acima das suas próprias. Tais gestos de renúncia ao priorizar a pessoa doente que os procuram reforçam o papel que as práticas de benzimento mostram a manutenção do acordo social que foi traçado de maneira silenciosa.

As práticas de benzimento exigem envolvimento tanto corporal quanto espiritual da parte das rezadeiras. Elas não apenas rezam: elas/eles se envolvem, se doam e adoecem. O corpo dos rezadores é um espaço que abriga emoções, energias, boas e ruins individuais e absorvidas das pessoas que os procuras. Para entender como as rezas afetam os rezadores, busquei entender se o ato de benzer os afetavam seus corpos de uma alguma maneira e como ocorria.

Dona Lauzina diz:

Eu rezo para olhado, né! Não é tão forte, só fico cansada. Quando a pessoa está muito carregada, me dá uma moleza no corpo. Oxe, fico abrindo a boca (bocejando) a reza toda.

Seu Zé disse:

às vezes na pessoa que tem olhado e quando eu estou rezando, sinto arrepios nas costas, uma moleza que fica no corpo o dia todo... tem uma reza para cada doença, se você chegar aqui com izipa ou com derrame de congestão eu vou rezar diferentes e vou sentir diferente também.

Após esses relatos seu Zé diz que pode sentir alguns incômodos por dias, mas que vai depender do que a pessoa está sentindo. Questionei se esses incômodos o impediam de realizar as suas tarefas ou se tomava algum medicamento e me disse que não e que esperava passar, pois segundo seu Zé “da mesma forma que veio vai”. Aqui percebemos uma relação direta entre a dor do outro e o desgaste pessoal deles. Revela uma lógica de sacrifício implícito. Victor Turner (1969) descreve o processo ritual como um estado de liminaridade, um momento em que a pessoa que detêm o poder se afasta da vida cotidiana e se coloca à disposição de uma transformação. As práticas do benzimento colocam os rezadores nesse espaço liminar a todo momento em que são procurados, onde seus corpos tornam-se caminhos para o sagrado, sendo um processo que possa ou não interferir em seus cotidianos.

No percurso das rezadeiras e rezadores ao atuarem em suas comunidades ou fora delas acabam por ocupar um lugar de canalização do poder de cura que de maneiras distintas os afetam, mesmo que minimamente a curto ou longo prazo, embora sejam procuradas para curar e aliviar as dores, tomam para si o mal-estar do outro. Como colocado por seu Zé e dona Lauzina em algumas passagens ao relatar moleza e arrepios, curando os males dos outros que recaem nos ramos ou nas águas que são utilizadas durante o processo de benzimento, uma troca silenciosa que causa esgotamento,

enfermidades e dores de curto ou longo prazo. O preço simbólico da função que desempenham.

Percebe-se que é uma prática que atravessa os corpos e o cotidiano que ambos enfrentam de maneira particular e invisibilizada para as pessoas que os procuram, apesar das práticas afetarem sua disposição, ambos, não se imaginam sem rezar, dona Lauzina diz “isso é minha vida, não posso parar” já seu Zé diz “eu não paro não, é minha obrigação. Só tem eu.” Aqui ambos deixam claro que somente eles são detentores do saber e “não possuem” o direito de parar por ser uma obrigação com Deus e a confiança que foi construída com que os procura, nota-se na fala de seu Zé “se a pessoa vem até mim é porque confia”.

E a partir da perspectiva da construção da confiança, que Durkheim (1912) também observa que o sagrado só existe no coletivo: é a prática comum, o ritual partilhado, que torna possível a construção de um sentido comum. O que parece ser uma prática individual, como a reza, é, na verdade, uma expressão de pertencimento e solidariedade grupal.

Já Mauss (2005) traz a leitura da visão do portador do dom, para consigo e para a comunidade, para o autor o dom implica na obrigação e reciprocidade. O autor argumenta que o sacrifício serve como um mecanismo de regulação social, onde as normas e valores de uma comunidade são reafirmados e reforçados através da prática ritualística do sacrifício. Portanto, o sacrifício é uma expressão fundamental da coesão social e da solidariedade entre os membros de uma sociedade, tendo assim o sacrifício pessoal como parte de uma lógica de troca simbólica. O sacrifício sustenta uma forma de autoridade simbólica que legitima as práticas das rezadeiras e rezadores dentro dos povoados, porém a obrigação não isola a solidariedade entre as rezadeiras e o rezador para com a comunidade.

Para além do sacrifício, da obrigação e do desgaste após bençãos, como é a vida além das práticas de benzimento? Ambos, dona Lauzina e seu Zé reflexionaram sobre a solidão em que vivem, demonstram questões por terem uma vida solitária, Dona Lauzina diz “falo com todos, mas ninguém fala comigo!”, já seu Zé diz

Quase não tenho amigos! ninguém me visita. Vai que achem doido.
[seu Zé continua] “tenho apenas dois amigos que me visitam, você (eu) e o menino Marcone, vocês que vem me visitar e conversar comigo.

Porque dessas afirmações por parte da rezadeira e do rezador se ambos recebem visitas frequentes em suas casas e já relataram que quando são procurados para benzer conversam bastante com seus “pacientes”? Questionei se não recebiam visitas para além de seus “pacientes” e as respostas foram que dificilmente ocorria e mais por parte de alguns familiares.

Assim Pedrina Nunes Araújo (2012) explica que a solidão das rezadeiras e rezadores pode ser despertada de duas maneiras como “Solidão sentida e Solidão ampliada”, a autora define como

solidão sentida se enquadra principalmente na questão de se sentir só, desprezado, deslocado em relação aos outros, a solidão ampliada é caracterizada por se sentir só e se estar só [no caso específico de se morar sozinho]. Ambas as formas de solidão são condicionadas pelo isolamento que, no caso das rezadeiras, todas perpassam. (Araújo, 2012. p. 4)

No caso aqui presente, partindo da observação da autora se trata da solidão sentida, a autora afirma que:

A solidão se evidencia com muito mais profundidade de sentimentos, a condição de velhice fortalece o teor da solidão na vida dessas senhoras rezantes. (Araújo, 2012. p. 4)

Já Ecléa Bosi (1997) trata a solidão como uma questão social, onde a sociedade rejeita o velho, onde eles ficam as margens da sociedade, após a velhice. Ponto que levamos em consideração a partir dos relatos da rezadeira e rezador aqui presente, pois ambos possuem mais de 70 anos de idade. Provocando conversas com interesses específicos.

Aqui a solidão vai além da escolha de estar só - como seu Zé disse preferir em sua juventude – passando a um sentimento de tristeza, talvez de abandono ou receio de estar sendo julgado, e assim ele relata que:

Eu sou pisado do povo daqui, tem gente que diz que eu sou doido, não sei o que é isso, é porque o povo não acredita, é uma coisa, mas é assim mesmo

Nota-se a queixa de seu Zé sobre sua solidão e a descrença por parte das pessoas chegando ao ponto de questionar sua sanidade. Assim entende-se que a procura pelo benzimento está baixa, dona Lauzina reforça ao dizer que aparece uma pessoa “*de vez enquanto*” e seu Zé não recebe pessoas com frequência, apesar de serem pessoas reconhecidas por práticas de cura, elas também recebem/enfrentam uma grande carga

emocional, pois são receptoras das dores alheias e ao mesmo tempo enfrentam sua solidão.

Assim o sacrifício vivido pelas rezadeiras e rezadores é individual/solitário, mas não se recusam a ajudar, mesmo sendo uma prática que atravessa o corpo, o espírito e afeta no seu cotidiano, porém é uma condição imposta que sustenta a construção social e espiritual como condutores do dom com as pessoas que buscam curas e bençãos.

3.2 Obrigação e reciprocidade

Associo a reciprocidade do paciente com as rezadeiras nas formas de agradecimento, seja em relação de presentes ou frases que os abençoam, atitudes que circulam em prol da relação que foi construída, o que Mauss (2003) chama de dádiva. O autor argumenta que as dádivas não são apenas presentes desinteressados, mas sim parte de um sistema complexo de obrigações sociais que constituem as bases das relações sociais. Com base nessa afirmação busco formar conexões entre as relações sociais criadas com as cerimônias do Kula e do Potlatch, práticas que foram descritas originalmente por Malinowski (1922) e por Boas (2005), com a reciprocidade do visitante/fiel com o rezador.

Assim como a troca de presentes que ocorre nas cerimônias do Kula e do Potlatch e os presentes dados pelos visitantes ao rezador não servem para a mesma finalidade que o comércio e a troca nas sociedades. Os exemplos da aplicação da dádiva na nossa sociedade são diversos. “à vida material e moral, a troca nele funcionam de uma forma desinteressada e obrigatória ao mesmo tempo” (Mauss, 2003, p. 232). Mauss (2003) mostra que as relações de troca carregam consigo uma dimensão moral que confere sentido às relações sociais.

As trocas cerimoniais que compõem os sistemas da dádiva não são meras trocas prosaicas de presentes, mas prestações e contraprestações a serviço de novas alianças e do fortalecimento das antigas. No interior desses sistemas de prestações, que ele denomina “totais”, circulam “amabilidades, banquetes, ritos, serviços, mulheres, crianças, festas, danças”, etc. e não exclusivamente objetos e bens valiosos. Sua finalidade última é a comunhão entre as partes, sendo o mercado apenas um de seus momentos. Associo essa comunhão de fortalecimento das novas e antigas alianças no momento que a pessoa chega na casa da rezadeira/rezador, solicitando benzimento, como demonstrado nesse relato de dona Lauzina.

Vou te dizer, eu não cobro! Sabe o que eu faço e vem. Ainda semana passada rezei no menino de Irandir, a mãe veio e pediu para que eu rezasse, porque ele tava meio tristonho. Eu rezei e a mãe me agradeceu. Ela disse que era pra Deus me abençoar. Minha filha, isso é melhor que qualquer presente.

Aqui percebemos que a troca nas práticas de benzimento vão além do material e estão voltadas as benções de ambas as partes, para além, percebe-se nesse relato o

fortalecimento do laço entre a mãe da criança e dona Lauzina e uma confirmação silenciosa de que se a mãe precisar, ela voltará.

A troca de presentes tanto no Kula quanto no Potlatch estão pautados no reconhecimento, prestígio e no intuito de fidelizar suas alianças, pensando dessa maneira, porém de forma atual existe outra maneira de presentear como forma de agradecimento e reconhecimento. A partir do ritual de benzimento, existe a retribuição da cura por parte do paciente. São presentes, “agradados, coisas simples que se dá por bondade”, como uma recompensa pela ação que beneficiou aquele que presenteia. Seu Zé traz um relato que não é muito comum para as rezadeiras aqui apresentadas,

Ano passado a menina de Dona Lourdes veio aqui! Menina, nunca mais tinha visto, ela vinha aqui quando era menina moça, nem sabia que ela lembrava de mim. ela trouxe uma toalha para mim. Eu rezava nela quando era pequena.

Interpreto esse presente fora de época, como uma forma de agradecimento pelas curas vindas de seu Zé.

Batista (2020) analisa a relação das rezadeiras e rezador com sua fé, dos fiéis com a rezadeira/rezador no município de Icapuí/CE e afirma que o laço entre as rezadeiras e as pessoas que os procuram é criado em seus encontros a partir das trocas afetivas. A autora diz que existe a construção de confiabilidade entre os detentores dos saberes e os pacientes que acontece pela crença no domínio que a rezadeira e rezador têm sobre o dom, sendo um movimento fora das lógicas econômicas ou profissionais e entrando no caminho das relações simbólicas.

Seu Zé diz *“o dom veio de mim! É uma obrigação que eu tenho”, “quem cura é Deus, não sou eu”* aqui ele demonstra ser um intermediador do divino ou da cura, não foi uma escolha, mas algo que lhe foi designado que necessitou da aceitação, assim seu Zé afirma que é apenas um instrumento para o poder divino chamado de dom.

Mauss (2003) aborda que a obrigação com o dom não é apenas um sinônimo de altruísmo ou bondade, não sendo uma obrigação econômica e sim uma obrigação social imposta de maneira implícita, pois cria laços sociais e fortalece a cooperação e a solidariedade. Dona Lauzina traz uma interpretação do seu dom de maneira diferente de seu Zé, pois ela afirma que *“não é uma obrigação! Eu faço porque gosto”*, aqui há um caminho diferente em sua fala, ela diz que suas práticas são um dom, mas afirma que benzer não é uma obrigação, trazendo assim uma vocação afetiva e o prazer que sente

pelo cuidado. Em teoria sua fala exclui a obrigação com o simbólico que faz girar a tríplice obrigação de Mauss, porém trata a prática de benzimento como sua existência pela admiração e facilidade em aprender, e diz:

Faz parte da gente, né! quando era pequena, eu via pai rezando um pouco e eu ficava de bituca no canto, eu achava bonito os dizeres dele e assim mesmo eu aprendi fácil.

Dona Lauzina ri e completa “eu me sinto agradecida quando vem alguém, porque eu falo em nome de Deus, agradeço porque me anima, ficam feliz comigo” e diz “Deus te ajude e ficam comigo depois, aqui ela deixa implícito que seu agradecimento vai além da procura pela cura e sim pela companhia que lhe é ofertada após o ato de benzer. Também podemos observar que ela disse ter aprendido os dizeres de seu pai de maneira fácil, mas não conseguiu aprender as rezas que sua mãe ensinou.

Dona Zuzinha por sua vez traz uma realidade semelhante a ambos os rezadores acima citados, pois diz que não é obrigada a benzer, mas faz porque vai ajudar as pessoas que a procuram, aqui ela não percebe a obrigação espiritual em ajudar e sim traz como uma obrigação ética de solidariedade e cuidado com quem a procura. Ela relata;

Eu não sou obrigada a rezar em ninguém, não! Mas eu rezo mesmo assim, porque se a pessoa chega e me pede para rezar eu não vou mandar embora, se ela veio até mim é porque precisa, então eu faço

Essas relações mostram que a forma que cada um interpreta a relação de obrigação com o dom que possuem não são reconhecidas de maneiras homogêneas, indo da obrigação em curar, para o afeto e a ética. A reciprocidade, novamente, busco em Mauss (2003) a dádiva exige a retribuição, mesmo que aqui todos afirmam não cobrar por suas bênçãos, porém, seu Zé possui um fluxo diferente das rezadeiras, por afirmar ter “*mais de 10 litros de perfumes*” e sabonetes, para além dos agradecimentos e bênçãos por parte das pessoas que o busca. Aqui indica que não existe uma cobrança por parte dos rezadores, mas possui um agradecimento de forma material por parte das pessoas para com seu Zé, porém essa retribuição aqui firmada pôr ele, não se aplica a outras rezadeiras, existindo somente a retribuição pelas palavras “*como Deus te abençoe*” ou “*que Deus te ilumine*”, não possui um valor material, mas reforça o ciclo de reciprocidade descrita por Mauss (2003), onde o “*que Deus te ajude*” descrito por dona Lauzina e o “*que Deus te ilumine*” por dona Zuzinha vão além da despedida e devolve como uma reciprocidade espiritual que encerra o encontro.

Assim a “obrigação faz parte de uma rede de sociabilidade em que os conhecimentos de cura são inseridos no rol de troca-dádiva” (Lewitzki, 2019, p. 46) sendo a recompensa financeira não permitida e nem aceita pelos rezadores devido a responsabilidade com o dom, porém torna possível o “agrado” em forma de presentes, afilhados e palavras que os abençoam, o mais comum.

Os relatos mostram formas diferentes de abordar a “obrigação” de benzer, mas ambos sempre finalizavam com a gratidão de ajudar o próximo, assim, apenas seu Zé relata que recebe presentes materiais de seus pacientes. Dona Lauzina relatou não receber nenhum presente e dona Zuzina dizia não lembrar se já recebeu presentes materiais, apenas foram agradecimentos em forma de bençãos, que é uma forma de reciprocidade a partir da gratidão e solidariedade. Como coloca Oliveira ao dizer que

A benção então é um instrumento pelo qual homens produzem serviços e símbolos de solidariedade para si e para sujeitos de classe social da qual fazem parte. (Oliveira, 1985, p. 8)

As benções são os atos que possuem o objetivo de pedir para que nenhum mal do corpo ou da alma os acometa, utilizando as frases “*que Deus te abençoe/ajude*”; “*que Deus te ilumine.*”

As práticas de rezadeiras e rezadores conversam com os princípios dos sistemas de dádiva presentes no Kula e no Potlatch. Mostram que o dom é sistema de relações. O rezar, como no dar, receber e retribuir nos rituais de trocas, circula para além de objetos ou curas, no caso das rezadeiras e rezadores, o reconhecimento, prestígio e cuidado da comunidade e vice-versa. Percebe-se esse cuidado quando dona Lauzina fala

Quando chegava um menino bem molinho, nos braços (do responsável) que eu rezava e sarava, Ave Maria é a maior felicidade na minha vida. Aí os meninos saravam e vinha de novo outro dia.

A cura dessa criança não se trata do fim e sim a construção, reafirmando as relações construídas através da cura e a reafirmação do papel simbólico de dona Lauzina dentro de seu povoado.

4. MOVIMENTO DO DOM

4.1 O corpo e a cura, o dom circula pelo corpo dos rezadores e do paciente

O corpo é interpretado de muitas maneiras, apenas como organismo biológico, um agente social, porém as Ciências Sociais interpretam o corpo de maneira diferente, onde o corpo incorpora conjuntos de representações coletivas.

o corpo é o primeiro e o mais natural instrumento do homem. Ou, mais exatamente, sem falar de instrumento: o primeiro e o mais natural objeto técnico, e ao mesmo tempo meio técnico, do homem, é seu corpo. (Mauss, 2003, p. 407)

Assim o corpo não é apenas biológico e sim, nas palavras do autor, um instrumento da cultura. Mauss (2003) reafirma que há diferentes interpretações ou usos do corpo que são atribuídos a diferentes significados conforme o contexto sociocultural em que estão inseridos, explicando que cada grupo ou sociedade possui seus próprios hábitos, que variam da educação, convivência e entre outros fatores, assim o autor introduziu as “técnicas do corpo” como movimentos de necessidade como: comer, andar e dormir, técnicas transmitidas e aprendidas, transformando o corpo no primeiro instrumento que a cultura molda.

O autor traz uma breve relação entre o corpo e a força mágica, para além do físico e biológico, em determinado momento o autor afirma que “Ato técnico, ato físico, ato mágico-religioso confundem-se para o agente.” (Mauss, 2003, p. 407), não há uma separação entre tais aspectos, pois no momento dos rituais a pessoa não analisa suas práticas como puramente física ou técnica, mas como uma unidade, uma técnica chamada por Mauss (2003) de “um ato tradicional eficaz”, pois para o autor “não há técnica e não há transmissão se não houver tradição”. Os detentores da cura aqui citados, rezadeiras/rezador e curandeiros/curandeira, veem suas práticas para além de um ato físico (os movimentos do corpo) ou de uma técnica (ao proferir as palavras), mas como uma junção do corpo, técnica e fé. A eficácia depende da junção desses elementos.

O ato de benzer envolve dois tipos da linguagem corporal, oral e gestual, as rezadeiras/rezadores possuem uma relação íntima com seu corpo pois ele age como um condutor do dom para a projeção da cura para a pessoa que os busca.

O corpo não deve ser visto apenas como um objeto físico, mas sim como um elemento central nas experiências individuais e coletivas. Thomas Csordas (2008) diz que

é possível obter uma compreensão mais completa das diferentes formas de ser e estar no mundo. Isso porque o corpo é o ponto de partida para a percepção do ambiente, a comunicação e a interação social, bem como destaca a importância de superar a divisão entre mente e corpo, assim o corpo para o autor é um “sujeito da cultura [...] a base existencial da cultura” (Csordas, 2008, p. 102)

Ao considerar o corpo como um elemento inseparável da mente e um sujeito da cultura, é possível compreender a complexidade das experiências humanas. Tanto seu Zé quando dona Lauzina tratam o corpo ou alguma parte do seu corpo como uma parte responsável pela cura, percebe-se em suas falas, dona Lauzina diz:

Ah menina, eu não sou nada. Sou doente veia, mas eu sei que Deus me ajuda a rezar nas pessoas e elas ficam boas, é um dom, né! E ele é de Deus. Eu não sou melhor que ninguém, mas eu consigo fazer isso, e outra, eu até mesmo me abençoo.

Questiono como que seu corpo recebe o dom e ela disse:

Eu não sei explicar sou só eu, eu não faço nada, só rezo. Quando a pessoa chega e se queixa eu sinto e vejo o que tem que ser feito” e assim em um segundo ela volta a dizer “eu sinto, eu vejo e ouço, sou eu, mas não é meu.

Questiono se pode ser interpretado como um transe e ela nega e reafirma não saber explicar, mas diz ter certeza de que o dom não pertence a ela, somente transmite, dona Lauizna diz *“eu sei que não é meu, mas sinto e sei a maneira de rezar”* no decorrer da conversa questiono o ouvir e ela me diz que é apenas a sua cabeça que a guia, são seus pensamentos, para além da boca e das mãos que benzem com os ramos e do pedido de quem a procura.

Dona Lauzina me traz um relato distinto para explicar seu dom, ela diz que seus olhos percebem aquilo que os afligem e os ouvidos que escutam mais do que é dito, seu dom não vai para além dos gestos físicos e esse mais pode ser interpretado como uma percepção sensível e espiritual do não dito. Em seus relatos, as pessoas que a procuram já vêm com um diagnóstico, o olhado, mas como ela descreve seus encontros possuem três momentos, a solicitação com descrição dos sintomas, a reza e a conversa logo após. Percebe-se o sentir mais aguçado de dona Lauzina, quando mesma relata a reza em animais, em determinado momento ela relata que rezou em um bezerro:

Quando eu vejo o animal mais triste, meio amuado, longe dos outros eu já vejo que tem alguma coisa, aí eu só chego perto dou uma conversadinha, aí vou lá pego um raminho e rezo, oxe, só é terminar

a reza que ele já muda a feição, volta a comer e fica perto dos outros novamente.

Entendo que ela possui uma percepção de quando a enfermidade está presente, quando ela reza em humanos é distinto, pois eles já vêm com um diagnóstico e já solicita, diferente dos animais. Seu Zé também tem consciência que seu corpo é um instrumento de cura, o dom não o pertence, vem a partir de sua fé, mas afirma que é uma tradição e que foi escolhido, mas são outras partes de seu corpo que ele prefere agenciar quando vai explicar sua experiência, assim ele diz:

Se não fosse para ser eu, eu ia falar, falar e ninguém ia se dar bem [...] eu faço o que tenho que fazer. Não digo que sou bom nem que sou mal, só faço o bem, o que Deus me deixou para fazer [...] Está vendo aí, em comparação se sua mãe vem é porque ela acredita e eu sei o que precisa fazer. Isso é um dom, menina. É um dom que vem pela minha cabeça, aí eu benzo com a boca e curo com as mãos

Perguntei como que funciona a relação cabeça, boca e mãos e ele me explica

O dom é a fé e a fé tá na minha cabeça, pois eu penso em Deus e tá na minha boca porque eu falo eu digo a reza 'Deus subiu o horto, sangue procure o corpo, Sangue procure a veia, assim como Jesus te achou na hora da ceia, Sangue, fique duro e forte na veia, como Jesus achou na hora de sua morte.' Essa é para talhar o sangue, eu disse essa porque foi a que veio na minha cabeça, até você pode usar [...] ah, e as mãos é porque é a parte que fica perto da outra pessoa, faz de conta, se você vier aqui e tá com dor de dente, você coloca seu dedo no dente e eu coloco minha mão na sua e começo a rezar. Aí se for a raiz, o seu dente vai quebrar e não vai doer mais.

Percebe-se que, tanto dona Lauzina, quanto seu Zé relatam como é o processo com a condução do dom e a consciência de sua atuação nas práticas e do envolvimento de diversas partes de seu corpo como canais para a entrada ou saída de sinais e de forças que atuam na cura se dá de formas diferentes.

Nas práticas das rezadeiras/rezador há uma relação com o catolicismo, mesmo que dois deles digam que não seguem a religião, nas características de suas práticas e principalmente ao citarem sua fé. O corpo para os cristãos é dual, em muitas interpretações católicas a carne se liga ao pecado e o espírito se liga ao divino, a aproximação do divino versus a aproximação ao pecado, porém a religiosidade popular une um conjunto de práticas, crenças e ritos de diferentes tradições mágicas e/ou religiosas fugindo assim do controle institucional das religiões cristãs.

No catolicismo popular o corpo desempenha um papel importante, seja através de práticas corporais rotineiras ou de rituais e sacramentos especiais. Ele é usado e pensado como uma forma de expressar devoção, sacrifício e reverência a Deus e aos santos. Através de práticas corporais como o sinal da cruz, ajoelhar-se, levantar as mãos para rezar e fazer genuflexões, o corpo é usado para demonstrar humildade e reverência em relação a Deus, a partir da demonstração o corpo está-se preparando para ser conduzido.

Trindade (2013) define esses atos como uma preparação, formando uma ligação direta entre o rezador e o sagrado. Em seu texto o autor discute a relação das práticas das rezadeiras com a natureza e como elas articulam elementos da religiosidade popular e crenças indígenas.

Esse movimento de preparação está presente ao início de todos os atos de benzer. O paciente chega e diz “*fulano*” *vim aqui para o senhor(a) rezar em mim*” no caso de seu Zé que reza para além do olhado ele pergunta “e pra que é que você quer que eu reze” e a partir dessa interação a pessoa diz o que sente. Com a rezadeira/rezador ciente da doença ela/ele vai em seu quintal ou na mata buscar o ramo e iniciar a reza propriamente dita, já com o ramo em mãos (mão direita), ambos os rezadores indicam um lugar para as pessoas se sentarem e se posicionam ao lado ou atrás das costas do doente, após todos posicionados, a rezadeira faz o sinal da cruz em sua face, em seguida com a mão direita erguida sobre a cabeça, (tocando ou não), todos os movimentos realizados são em formas de cruz. Ao movimentar o ramo, dona Lauzina após algumas repetições dos movimentos ela passa o ramo da cabeça aos ombros e joga para o ar, movimento que se assemelha ao varrer um espaço e assim sucessivamente, até finalizar a reza.

Já dona Zuzinha e seu Zé também repetem o movimento da cruz algumas vezes e, após, baixam o ramo na altura dos ombros e repetem o movimento da cruz, alternando sempre entre cabeça e ombros. Esses movimentos caracterizam a reza para olhado, porém o sinal da cruz é característico em todas as outras rezas.

As mãos são os membros que proporcionam a cura, John Hertz (1980) traz algumas teorias sobre a dualidade das mãos e uma delas é sobre a mão direita ser superior a esquerda, o autor diz que as ações benéficas e sagradas são sempre associadas a mão direita, “Apenas a mão direita está apta para estas relações beneficentes, já que participa da natureza das coisas e seres sobre as quais os ritos devem agir.” (Hertz, 1980, p. 115) o autor diz que apenas a mão direita é apta para a cura, assim ele complementa ao dizer que

“os Deuses estão à nossa direita, por isso nos voltamos para a direita a fim de rezar [...] é a mão direita que recebe favores do céu e os transmite na bênção” (Hertz, 1980, p. 115). Assim o autor traz as mãos para além do fato biológico relacionado os fatos simbólicos.

Seu Zé em seu relato diz que a cura “*vem pela cabeça, benze com a boca e cura com as mãos*”. Seu Zé diz que cura com as mãos, entende-se aqui que o mesmo não faz distinção entre direita e esquerda, porém na hora do benzimento contra o olhado, que se faz com um ramo, o sinal da cruz é feito pela mão direita e todos os movimentos são realizados com a mesma, porém para a reza de São Sereno, que é realizada com uma garrafa de vidro e um pano branco que são sobrepostos a cabeça do paciente, são utilizadas as duas mãos, a mão esquerda apenas auxilia ao segurar a garrafa sobre a cabeça do paciente, enquanto a mão direita gesticula sobre a garrafa suplicando a cura. Para a reza de dor de dente seu Zé coloca a mão direita sobre a cabeça e pede para que o doente ponha a mão sobre o dente e ele vem com a mão esquerda sobre a mão da pessoa. É importante relatar que em momento algum seu Zé solicita que o paciente toque em seu dente com a mão direita. A mão esquerda está sempre em auxílio, assim ao ser questionado sobre a posição de suas mãos nos momentos da reza, seu Zé afirma:

Eu uso as duas mãos, a cura é das duas mãos, tem gente que diz mesmo “tem que dar a bênção com a mão direita, tem de pedir bênção com a mão direita”, mas eu não acredito nisso não e se eu fizesse tudo com a mão esquerda, fosse canhoto, minha reza não servia? Só porque é pela mão esquerda, isso é um dom, não tem nada que ver com mão ou com corpo

Assim fica explícito de que ele não acredita na superioridade de uma mão sobre a outra e que sua mão direita é mais utilizada que a esquerda por uma questão genética. Do mesmo modo, também foi questionado a dona Lauzina o porquê de benzer com a mão direita e ela me explica:

Está vendo aquela imagem ali (um quadro do sagrado coração de Jesus) é por causa de nosso senhor Jesus, ele abençoa com a mão direita, temos que fazer igual a quem nos deu o dom.

Assim notamos que usar a mão direita para dona Lauzina é baseado unicamente pelas imagens dos santos, questionei se seu pai benzia com a mão direita e ela afirmou que sim.



Figura 15: Dona Lauzina com ramo na mão benzendo uma jovem.



Figura 16: Seu Zé descascando uma folha de macambira.

Hertz (1980) diz que a dominância da mão direita sobre a esquerda é culturalmente reforçada. vemos que nas práticas de ambos aqui presentes notamos de maneira clara que a mão direita se sobressai, pois ela sempre realiza o sinal da cruz sobre a cabeça ou corpo, que toca o dente ou que varre o mal como faz dona Lauzina, porém dona Lauzina e seu Zé interpretam o destaque da mão direita de maneiras diferentes. Seria que essa explicação estaria sendo atualizada, de forma inconsciente ou crítica, quando seu Zé diz que suas mãos curam, mas apenas usa a mão direita no momento de benzer, porém justifica utilizando a biologia? O autor discute a relação entre a dominância da mão direita e o desenvolvimento do hemisfério cerebral esquerdo, que controla os movimentos da mão direita, mas o autor se questiona, se é apenas a “preeminência do cérebro sobre a mão direita e o desenvolvimento da parte esquerda do cérebro.” (Hertz, 1980, p. 101) ou é reforçada por influências culturais e sociais que valorizam a mão direita. O autor mesmo responde ao dizer que as mãos determinam suas funções e posições em diversas culturas.

Hertz (1980) explora a oposição entre o sagrado e o profano, onde utiliza uma metáfora sobre a polaridade das mãos, e a mão direita é frequentemente ligada ao sagrado, enquanto a esquerda pode ser vista como profana ou inferior. Essa inferioridade está ligada a dualidade das crenças entre o bem e o mal, vistas como

A direita ligada à ideia do poder sagrado, regular e benéfico, o princípio de toda atividade afetiva, a fonte de tudo que é bom, favorável e legítimo; para a esquerda, esta concepção ambígua do profano e do impuro, o fraco e incapaz que é também maléfico e temido. (Hertz, 1980, p. 111)

Nota-se que o aspecto biológico não é considerado e a dualidade das mãos são reações ou interpretações religiosas que se tornam morais, práticas coletivas que legitimam gestos e rituais. No caso das rezadeiras e rezador aqui presentes não se pode levar como uma verdade absoluta pela contradição de seu Zé, porém evidencia a crença do puro e impuro.

Assim o processo de cura está ligado diretamente ao corpo e pode ser visualizado a partir do conjunto de experiências. Podendo ser interpretado como um suporte ou meio para o processo de cura que a se “materializa” a partir das articulações do corpo com esses entrelaçamentos que trazem significados, técnicas e cultura. Assim os movimentos das rezadeiras vão além do alívio do sofrimento e reforçam seus corpos como um lugar social, simbólico e existencial.

4.2 A palavra que fecunda

A reciprocidade está presente nas práticas de benzimento em diversos momentos. Ambos, as rezadeiras e rezador relatam a forma de agradecimento após a reza, todos dizem “Deus lhe pague” “que Deus te dê saúde”, esse retorno de agradecimento faz parte do momento de cura, o “paciente” devolve uma frase de benção para os rezadores. Nesse momento a palavra também pode ser interpretada como uma dádiva, porém vai além, pois a pessoa que foi curada se apropria, de maneira inconsciente, do lugar de abençoar.

A palavra abençoar, quer dizer “lançar benção [...] desejar o bem”¹³, assim a benção da pessoa para com o rezador é o pedido de saúde, sorte entre outras coisas, que é proferida a Deus de maneira rápida e que finaliza o momento de cura.

Mauss (1981) diz que a prece apresenta diversas funções ao serem proferidas. Podemos perceber a prece em dois momentos do ato de benzimento, o clamor no ato da reza, onde a rezadeira e o rezador suplica a Deus pela cura do paciente em suas orações e do paciente para com o rezador ao agradecer em forma de benção. O autor explica que a prece é um fenômeno social, na manutenção de uma ordem, que pode ser compreendido como retribuição ao bem que foi feito, reforçando assim os laços entre as rezadeiras/rezador e paciente.

A benção possui sua eficácia através da palavra:

Na prece o crente age e pensa. E ação e pensamento estão estreitamente unidos, jorram num momento religioso, num só e mesmo tempo. A oração é uma palavra (Mauss, 1979, p. 103)

Ao proferir as palavras em forma de súplica ou agradecimento, tal ato traduz os sentimentos da pessoa que profere, o autor reforça que a fala é ao mesmo tempo agir e pensar.

O autor complementa

A prece é uma palavra. Ora, a linguagem é um movimento que tem um objetivo e um efeito; é sempre no fundo um instrumento da ação. Mas age exprimindo ideias, sentimentos que as palavras traduzem para o exterior e substantificam. Falar é ao mesmo tempo agir e pensar; eis porque a prece pertence ao mesmo tempo à crença e ao culto (Mauss, 1979, p. 103)

A palavra é eficaz, pois traduz a crença em ação.

¹³ Definição retirada do dicionário Houaiss

Assim Jonh Austin (1990) discute, que a linguagem não é apenas descritiva e que existem circunstâncias em que as palavras não apenas descrevem ações, mas as realizam, ou seja ao serem pronunciadas as palavras tem o poder de realizar ações. O autor traz a noção de atos da fala, onde a intenção de quem profere em conjunto ao contexto, são importantes para entender os significados e seus impactos.

Aqui, quando a rezadeira/rezador e paciente proferem as palavras de benzimento, como “Deus te abençoe” não é apenas uma locução verbal, é um desejo e sim uma solicitação que irá gerar a confirmação da cura ou proteção que está ligada ao momento do encontro na crença da cura. Austin (1990) denomina a capacidade da fala de não apenas transmitir o desejo, mas realizar a ação, de performance da fala. Pois as palavras das rezadeiras não falam de mal ou cura e sim, produzem a cura enquanto são proferidas, seguindo o exemplo da reza de talhar sangue que seu Zé “*Sangue procure a veia, assim como Jesus te achou na hora da ceia*”, uma ordem com referência as práticas de Jesus.

Ingold (2022) mostra a performance na fala ao trazer o exemplo da cerimônia de cura do povo Shipibo-Conibo¹⁴, onde o xamã “canta” o desenho,

À medida que o som vocal meandra pelo ar, ele vê transformando em um padrão que afunda para dentro do corpo do paciente. É uma transformação que só é visível pelo próprio xamã (INGOLD, 2022, p. 87)

Aqui o autor reforça a força da palavra no ato do benzimento, todo o ato de benzimento é proferido em maneira de sussurros, os pacientes ouvem, mas não compreendem o que está sendo dito, assim no ato de benzimento para olhado, ao decorrer da reza tanto o paciente quando o rezador pode bocejar, pois um dos principais “sintomas” de olhado é o cansaço físico e indisposição, dona Lauzina diz

O menino chega aqui pra rezar de olhado, se o olhado estiver muito forte eu vou saber, quando começo a rezar e no meio da reza eu começo a bocejar já sabe, a criatura tá cheia [...] a moleza passa para mim. É como se não quisesse sair corpo e quisesse que parasse de rezar, mas tem que ir até o final.

Questiono se ela tem certeza de que saiu todo olhado do corpo ela diz

Quando termina de rezar os ramos vão tá tudo murcho [...] aí o moleque vai pra casa, se a moleza não passar, volta que reza por três dias seguidos.

¹⁴ Indígenas do Peru ocidental

Dona Lauzina no momento da reza tem a consciência da doença e do processo de cura em dois momentos.

Para além das palavras proferidas no ato do benzimento, serão refletidas as frases de benção dos pacientes para com as rezadeiras/rezador, tais como: “que Deus te abençoe/ajude”, “que Deus te ilumine”, a pessoa curada performa uma súplica ao devolve para a rezadeira o desejo de que sempre permaneça bem.

Pensar a palavra que fecunda é observar os efeitos múltiplos, pois a voz sussurrada perpassa o corpo e a fé da pessoa que procura o rezador, em seguida a pessoa agradece, devolvendo outras palavras, nesse momento audíveis, assim mantém um ciclo que fortalece as relações entre eles. A fecundidade que aqui é discutida vai além da eficácia, mas gira em torno da súplica e do agradecimento que é lançado fazendo com que a roda das relações se mantenha, mantendo a tradição, confirmando a fé e produzindo a cura.

4.3 Rito e Renovação

As práticas de benzimento, não são individuais. Fazem parte de experiências e atos compartilhados, como dito anteriormente por dona Lauzina, sobre o bocejo no momento da reza. Em determinados momentos os rezadores deixam implícito que o ato de benzer requer esforço físico, seu Zé relata a necessidade de “limpeza” em seu corpo após a reza. As práticas de limpeza corporal estão presentes em diversas crenças e culturas. Aqui trago a renovação, no sentido de tornar novo e limpo.

Barros et al. (2020) dizem que as práticas de inserir plantas e com o uso terapêutico e/ou ritualístico são comuns no Brasil, pois resultam da miscigenação entre os indígenas e escravizados. O processo de limpeza é um rito de renovação do corpo e da alma, um rito está unido à crença.

O primeiro relato que o rezador fala que sente algo é no benzimento para olhado. “Às vezes na pessoa que tem olhado e quando eu estou rezando, sinto arrepios nas costas.” O segundo relato seu Zé fala sobre fechar o corpo para rezar por ser uma doença perigosa a Congestão, que ele afirma ser a Paralisia e o Acidente Vascular Cerebral (AVC).

Eu rezo do ramo de congestão! Ninguém quer rezar porque é a perigosa, se a pessoa tiver não fica na frente, pois a dor bate é em quem reza. O finado Du é quem diz “rapaz eu tenho idade pra ser seu avô” e me pediu para rezar, porque ninguém quer. Aí nós temos que fechar o corpo primeiro para rezar, aí vem de olhado e junta tudo.

A partir das doenças que seu Zé diz que são perigosas, ele relata que é necessário fazer uma limpeza, que interpreto como proteção, porém ele diz que não faz.

Tudo passa. Eu tenho que tomar banho de zicasa¹⁵, mas eu não tomo não, necessito mesmo de limpeza. É rezar e ir tomar banho, se não vai juntando na idade. papai já não estava aguentando mais. Tem gente que se não tomar banho passa mesmo essas coisas e a pessoa fica frágil.

Pode-se interpretar a limpeza que seu Zé traz como uma renovação para seu corpo e alma

Estou certa de que uma descrição boa de como eles se limpam depois de rezar, como fazem para sair do estágio sagrado para voltar a vida normal seria um bom modo para terminar esse ponto, mas infelizmente não a tenho. Está claro nas falas deles,

¹⁵ Zicasa também conhecida como cicas ou cycas, é da espécie *Cycas revoluta*. Planta de origem asiática resistente a seca, mas frágil à exposição direta ao sol.

principalmente de seu Zé, que existe esse momento, mas ficaram nos segredos que preferiram guardar.

5. CURANDERISMO: CONEXÕES ANCESTRAIS E SABERES NA MEDICINA ALTERNATIVA EM GUADALAJARA, JALISCO.

No centro da cidade de Guadalajara, Jalisco, a mescla das práticas tradicionais do curandeirismo e as práticas neoesotéricas se fazem presentes em dois espaços com grande fluxo de pessoas: o mercado Corona, datado 1981, e o Mercado San Juan de Dios, datado de 1888. Ambos os mercados passaram por diversas modificações, tragédias, remoções e adições. Atualmente possuem um comércio amplo, mas oferecem um grande número de medicamentos naturais, ervas, produtos esotéricos, santería, imagens católicas, trabalhos de curandeiros (amarrações, limpezas e benções).

O mercado Corona está localizado entre a avenida Hidalgo e a rua Santa Mônica. O mercado possui, para além do térreo, o primeiro piso que é reservado por pequenas lojas de objetos religiosos e naturais, sendo organizadas por letras e números, que seguem a ordem, junção de produtos esotéricos e santería, para produtos naturais e ervas a objetos católicos.

O mercado San Juan de Dios está localizado na rua Dionizio Rodrigues, Centro de Guadalajara, o mercado também é dividido em duas partes, térreo e primeiro piso. Quando se adentra no mercado, no fundo tem uma escada para o piso superior e ao redor já é possível encontrar pequenos espaços (lojas) de produtos naturais e ervas, porém a maior concentração de itens religiosos está no piso superior.

Os mercados de Guadalajara abrigam um grande comércio de produtos naturais, velas, essências, esotéricos, santería e ervas tanto nacionais quanto internacionais. A grande maioria das lojas possui um curandeiro, sendo dono ou trabalhando para o dono, em ambos os casos são responsáveis por mais de uma loja. Os curandeiros, possuem mais dons para além do benzer, como: leitura de mãos, cartas, massagens de diversos tipos, trabalhos mágicos de amarrações a fertilidade, limpezas corporais e espirituais e tratamentos para diversos tipos de doenças a partir de ervas.



Figura 17



Figura 18



Figura 17

Figuras 17, 18 e 19: São cartões de três das lojas presentes nos mercados: Cartão de número 17: cartão pertence ao espaço de Luiz Alberto, onde apresenta seu contato, a página da escola onde ele faz parte e sua especialidade, a palavra “sobador¹⁶” que está presente, tanto no cartão como na fachada de seu espaço; Cartão de número 18: é um cartão de um dos curandeiros do mercado San Juan de Díos, onde apresenta seus serviços e realiza consultas a domicílio; Cartão de número 19: é o cartão da loja de Javier Salazar, onde apresenta seus serviços, número de contato e como encontrar a loja.

¹⁶ Segundo o Diccionario de la lengua española de la RAE: Pessoa que trata de deslocamento de ossos e realiza massagens curativas

Leslie Belmonte tem 24 anos é natural de Guadalajara, filha única, possui uma loja de velas e essências no mercado Corona, onde trabalha com suas primas menores, iniciou suas práticas aos 16 anos ao perceber que conseguia ler as pessoas¹⁷. Leslie vem de uma família regada de dons, toda a sua família possui um dom ou compartilha o mesmo: sua avó, depois suas seis filhas e agora as netas. Ela diz *“então é algo que podemos considerar em geração”*, ela disse que o dom de sua vó era encontrar coisas perdidas, o dom de sua mãe é o mesmo que o dela, “limpezas e leituras”. Leslie informou que o dom de sua mãe se manifestou aos 15 anos e começou com as limpezas e depois seguiu com as leituras espirituais, porém com ela foi o inverso ao conseguir ler as pessoas, passou a ler mãos e aprendeu a fazer limpezas com velas. Leslie vem de uma família católica e afirma *“meu poder superior é de Deus”*, mas se inclina a religião *Youruba* (Iorubá) e que suas principais praticas são leituras de cartas, bênçãos de lares, de negócios, de pessoas, amuletos preparados, amuletos para a sorte, loções para limpezas, para remover algum vizinho maligno que esteja te causando algum dano, ao final deu ênfase a *“Não trabalhamos com magia negra, não nos dedicamos a prejudicar ninguém.”* e que se dedica unicamente a ajudar as pessoas que estão feridas a se curar. Leslie acrescenta que em sua casa tem um quarto onde realiza alguns trabalhos de quebra de feitiço ou acende algumas velas para os clientes que não podem fazer em casa.



¹⁷ Leslie explicou que seu dom de “ler as pessoas” é ver os males espirituais e físicos e os cercam.



Figuras 20 e 21: Lojas de Leslie – uma ao lado da outra, principais produtos: velas, perfumes, contas e imagens

As fotos acima, são do interior e fachada da loja de Leslie, carregam simbolismo e diversidade espiritual, imagens de arcanjos, devoção à Santa Morte, Malverde¹⁸. Elementos de proteção, como guias e velas para limpezas e trabalhos de diversos tipos tamanhos e cores, muitas delas decoradas com imagens de santos, figuras religiosas e símbolos, como pentagramas e cruzes. No centro, se destaca uma casa de brinquedo da filha de Leslie. Logo abaixo uma prateleira com óleos, essências, unguentos e pomadas.

Luis Alberto, é de Mexicali, Baja Califórnia. Está em Guadalajara há um ano e meio, tem 32 anos e já passou por muitos caminhos religiosos. Luis disse que sempre foi muito sensível às pessoas “*eu sentia as pessoas*”, e se estranhava por isso. Sua avó é de Sonora, uma curandeira tradicional que utiliza a medicina indígena, mas não mantinham relação porque sua mãe seguiu outro caminho. Luis Alberto relata:

Me casei, tive uma filha segui minha vida e nunca aceitei minha sensibilidade, meu dom, com trinta anos fui visitar a minha vó e ela me disse que meus guardiões são nativos, são apaches¹⁹

Só reconheceu o seu dom aos trinta anos e buscou sua vó, para entendê-los. Atualmente são seus avós que estão ensinando-o, porém relata que busca estudar outras

¹⁸ Jesús Malverde é o nome de um santo popular, mais presente no norte do México, identificado principalmente aos traficantes e assaltantes.

¹⁹ Os Apaches são povos indígenas do Sudoeste dos Estados Unidos e noroeste do México, caracterizados por seu nomadismo e por sua resistência ao avanço da colonização branca no oeste da América do Norte.

práticas, participou de rituais de ayahuasca²⁰ e bufo²¹, frequentou aulas *online* de ocultismo em Guadalajara e frequenta a “escuela de terapias holísticas tepatiani²²”, mas só começou a fazer limpezas quando sentiu sua filha cabisbaixa sem motivos e fez a limpeza com sete ervas (*romero* (alecrim), *ruda* (arruda), *albahcar* (manjerição), *pirul*, *abrecaminos*, *ciguaraya*, y *levantamueertos*). Luis Alberto possui um quarto no mercado San Juan de Díos há seis meses, onde faz massoterapia, limpezas e manipula ervas de acordo com a necessidade de quem o procura. Luis Alberto diz ser um sanador.

Abaixo está a foto da fachada do espaço onde Luiz faz suas práticas, nota-se diversos objetos ligados a proteção, sabedoria e prosperidade, como: conchas, espadas de São Jorge, cabeça de buda, pedras, e óleos essenciais.

²⁰ A ayahuasca é uma bebida preparada com duas plantas nativas do norte da América do Sul, conhecida por suas propriedades psicoativas e por seu uso em cerimônias ancestrais com fins terapêuticos, espirituais e rituais.

²¹ Segundo a *national geographic*, o Bufo é um veneno retirado do sapo bufo encontrado na América do Norte que produz uma substância psicoativa, um veneno utilizado em rituais religiosos e para tratamentos de transtornos mentais (buscar mais sobre a segunda afirmação)

²² Tepatiani é uma palavra Náhuatl que significa médico ou curandeiro



Figura 22: Frente da loja de Luis Alberto

Javier Salazar tem 26 anos é natural de Guadalajara, foi criado por seus avós, começou suas práticas aos 18 anos, após o falecimento de seu avô. Javier Salazar disse que sempre foi predisposto a sentir a energia das pessoas “*quando estão tristes ou trazem algum problema consigo*”, afirma não ser uma adivinhação, apenas vê o que está por vir na vida da pessoa, como estão suas relações espirituais e físicas, é um alerta. Seu avô fazia limpezas e acredita que seu dom tenha vindo através dele. Javier se considera politeísta, ele diz:

Não estou como casado com uma religião em específico, me considero politeísta, acredito em absolutamente tudo. Tanto acredito em Deus, como acredito na igreja católica, também gosto e acredito muito na santería, também acredito nos demônios, ou seja, em tudo. Por isso te digo que me considero

politeísta, porque acredito que o ser humano precisa ter uma imagem, um deus ou uma referência a quem pedir. Então, inclusive também no budismo, nos budas que te trazem fortuna, sorte, ou seja, acredito praticamente em tudo.

Javier Salazar possui três lojas no mercado Corona, a primeira com imagens de santería, católicas, Santa Morte e amuletos; a segunda com ervas e a terceira com produtos e medicamentos naturais. Sua terceira loja possui um espaço pequeno e fechado, onde realiza seus trabalhos de limpeza e leituras. Suas principais práticas são leituras de cartas e de mãos, limpezas energéticas, bençãos e limpezas de amuletos ou imagens, rompe diversos tipos de amarras e retiros individuais.

As duas imagens abaixo, mostram o interior das lojas de Javier, os dois espaços apresentam artigos distintos, mas combinados à dimensão do sagrado. A primeira traz objetos e imagens religiosas, como: imagens da Santa Morte em diferentes versões e cores, imagens católicas (São Judas Tadeu, Santo Antônio, arcanjos, Virgem de Guadalupe), gnomos, duendes, as sete potências africanas (Orula, Ogun, Changó, Obatalá, Yemaya, Elegua), *sahumerios* e tabaco e alguns amuletos. A segunda loja está voltada para erva e produtos naturais, como: ramos e feixes de ervas secas pendurados (arruda, alecrim, entre outras), amuletos, talismãs e guias, pomadas, xaropes e essências.



Figura 23: Loja 01 – possui imagens, contas e colares de proteção



Figura 24: Loja 02 – possui ervas desidratadas, pedras e pomadas

5.1 Mercado esotérico e serviços de cura

O curandeirismo é uma prática cultural ancestral que tem sido transmitida por gerações. Interpretada como medicina alternativa, como feitiçaria, entre outras coisas. Contudo, é fundamental apreciar os conhecimentos e saberes dos curandeiros e curandeiras, assim como seus vínculos com os enfermos. Suas práticas de cura estão intrinsecamente ligadas à crença na interação entre o mundo espiritual e o mundo físico e na existência de uma força vital que permeia todas as coisas.

Na da cidade de Guadalajara nota-se grande concentração de curandeiros no centro turístico da cidade, porém com influência esotérica em suas práticas de cura. Percebe-se a mescla de outras crenças assim que adentra os mercados centrais e principalmente nas práticas dos curandeiros como: leituras de cartas, trabalhos com magias, desfazer feitiços, e adivinhações.

O fenômeno da oferta esotérica na cidade de Guadalajara, México é discutido por Renée de la Torre (). A autora analisa como a *new age* e a neomagia popular se disseminam por meio de circuitos *mass* mediáticos na região. A *new age* foi um movimento cultural que começou a ganhar destaque nos anos 70 e se popularizou nas décadas seguintes, propondo uma nova espiritualidade distante das tradições religiosas estabelecidas. Segundo a autora a cidade abrigou novas vertentes espirituais vindas das escolas esotéricas e de movimentos espirituais orientais, gerando assim novas vertentes religiosas, como a *nueva mexicanidad* ou *neomexicanidad* que se trata de:

Un movimiento cultural-espiritual producto de las alianzas e intercambios entre gurús y buscadores Nueva Era con los líderes del movimiento de reivindicación indígena conocido como Mexicanidad y en la impresionante búsqueda de anclaje y continuidad incursionando en las prácticas tradicionales ancestrales y populares. (De La Torre, 2025, p. 23)

A partir da mescla entre as práticas ancestrais, escolas de magia e práticas orientais, a estrutura esotérica surge com uma proposta que promove novas filosofias e técnicas para uma vida saudável, fisicamente e mentalmente.

Os mercados centrais de Guadalajara são conhecidos por encontrar serviços alternativos desde sua construção. Renée de la Torre (2025) disse que era comum encontrar curandeiros tradicionais que tinham conhecimentos com manipulação de ervas, vendiam produtos naturais e realizavam rituais de limpezas. Porém para além dos pontos

comerciais com ervas e produtos naturais encontra-se uma vasta gama de produtos esotéricos e imagens de diversas religiões e crenças. Atualmente foram incorporadas ao comércio figuras não reconhecidas pela religião católica, como diversas versões da Santa Morte, San Jesus Malverde, *trolls*, budas, fadas, anjos, runas, imagens que representam os orixás, a Virgem de Guadalupe e San Judas. Assim Renée de La Tore (2025) diz que não importa a tradição nem suas origens, pois essas figuras e práticas apresentam abundância, proteção e saúde, realizar e desmanchar trabalhos provenientes de magia negra e desse modo o mercado se apresenta como um lugar de poder e bençãos sobre si (a pessoa que busca) e sobre terceiros.

Guadalajara se tornou um centro importante para a difusão dessas práticas, que foram e são promovidas por diversos meios de comunicação, como revistas, programas de rádio e televisão, websites e redes sociais. Renée de la Torre (2006) argumenta que esses circuitos *mass* mediáticos desempenham um papel fundamental na popularização e legitimação da *new age* e da neomagia popular, contribuindo para a construção de um imaginário coletivo em torno dessas práticas. A oferta neoesotérica em Guadalajara está relacionada a questões de identidade, consumo e poder, evidenciando como a busca por experiências espirituais e mágicas podem estar ligadas a necessidades individuais e coletivas em um contexto de mudanças sociais e culturais, tomado espaços turísticos e centrais dentro dos mercados. Um espaço criado para oferecer uma gama de serviços que para Javier, vai além da religião e está baseada nas necessidades do cliente.

Otto Schondube (2006) aborda a importância da medicina tradicional e dos remédios naturais dentro das comunidades indígenas e rurais da América Latina. O autor destaca que, durante milhares de anos, os povos originários da região utilizaram plantas medicinais e técnicas de cura para tratar diversas doenças. Schondube (2006) destaca a figura dos curandeiros, especialistas em medicina tradicional que possuem vasto conhecimento sobre as propriedades medicinais das plantas e sua aplicação na cura de doenças. Esses curandeiros ocupam um papel de destaque nas comunidades, sendo respeitados e reverenciados por sua sabedoria e habilidade de cura. O autor também aborda a resistência da medicina tradicional diante da expansão da medicina ocidental. Apesar das tentativas de marginalização e desvalorização da medicina tradicional, muitas comunidades continuam a recorrer a seus métodos de cura, que são vistos como mais acessíveis, eficazes e alinhados com a filosofia e espiritualidade de seus povos.

Maria de Jesus Patricio Martínez (2006) complementa que as práticas de curandeirismo vão além da ligação com a natureza, pois reconhece que a doença é física, mas também é ou pode ser espiritual, tendo relação com rompimentos com sua comunidade ou rupturas familiares. Aqui percebemos a influência do entorno nas enfermidades: a autora afirma que as enfermidades como “el susto”, “mal de ojo” e “bata blanca”, são enfermidades que possuem relação com o indivíduo e seu meio e acometem crianças, adultos e idosos que são de cultura própria e não reconhecidas pela medicina ocidental.

Tanto Javier quanto Leslie citam a importância de compreender a enfermidade do paciente, para assim saber qual método de cura utilizar. Javier diz que assim que o paciente chega, busca conversar e entender o que ele está sentindo, pois a partir da conversa vai compreender se a pessoa precisa dos seus serviços ou precisa procurar um médico. Javier assume essa postura pois ele oferece uma garantia de eficácia: *“com a garantia, por exemplo, eu sempre dou garantia em todos os meus trabalhos, que não se paga até que se veja o resultado.”* Já Leslie possui uma abordagem semelhante, diz que busca conversar, pois trabalha com muitos tipos de cura, mas *“sobretudo, tudo o que o cliente necessitar, nós consultamos e vemos se isso é o adequado para ele ou não.”*

Leslie diz que para ter segurança faz a consulta a partir da leitura de cartas ou com a velas, a partir da leitura decide o que é melhor abordagem de cura para o paciente, porém Leslie diz que a abordagem muda caso o paciente já tenha passado pelo médico, ela dá o exemplo de uma paciente que tinha síndrome do ovário policístico (SOP)²³

Por exemplo, houve um caso em que vinham com ovário policístico. Estavam dando muito medicamento, o que gerava aumento de peso, hormônios muito baixos, ciclo menstrual muito irregular e, principalmente, a impossibilidade de engravidar. E aqui nós vendemos um chá que é específico para limpar o útero e os ovários. Então, a partir disso, sem suspender o medicamento, começamos a dar o chá até que os cistos foram sendo eliminados. Pouco a pouco foram saindo pela urina, e os maiores foram diminuindo. Ela tinha cerca de 22 cistos em cada ovário. E os que eram maiores foram reduzindo, e assim evitamos uma cirurgia

²³ Segundo Cleveland Clinic a síndrome dos ovários policísticos (SOP) é um desequilíbrio hormonal que ocorre quando os ovários (o órgão que produz e libera óvulos) produzem hormônios em excesso.

Assim Leslie orienta usar os medicamentos farmacêuticos e alternativos de maneira conjunta.

Enriqueta Valdez Curiel (2003) reafirma a importância do curandeirismo como uma prática popular enraizada na cultura local, que envolve conhecimentos tradicionais de cura baseados em ervas, rituais e crenças espirituais que trazem alívio às doenças que transpassam o físico. A autora diz que o curandeirismo se disseminou além das fronteiras de Zapotlán el Grande, sendo exportado para países como Estados Unidos e Canadá. Ela destaca que a prática atrai não apenas pessoas em busca de cura para suas doenças físicas, mas também aquelas que buscam alívio para suas dores emocionais e espirituais.

Além disso, à medida que as práticas de curandeirismo ultrapassam suas fronteiras, outras práticas religiosas e crenças também entram e se misturam com as práticas tradicionais, como no caso das práticas esotéricas e do movimento *new age*, que foi um dos principais responsáveis pela fusão com as práticas de cura que estão presentes nos mercados Corona e San Juan de Díos. Os entrevistados não citam o movimento *new age*, mas utilizam de algumas práticas que foram pesquisadas e estudadas, em conjunto sob esse rótulo, como: terapias alternativas, leituras de cartas e a utilização de pedras e cristais para limpezas.

Renée de la Torre (2001) explora a relação entre consumo e espiritualidade na sociedade contemporânea. Ela destaca que o consumismo neoesotérico é uma prática em que os indivíduos buscam significado, orientação e bem-estar por meio da aquisição de produtos e serviços relacionados a crenças esotéricas e espirituais. A autora sinaliza que esse tipo de consumo não se baseia apenas na satisfação de necessidades materiais, mas também na busca por uma conexão mais profunda com o sagrado e o desconhecido. Destaca que o consumismo neoesotérico é uma forma de lidar com a incerteza e a ansiedade da vida moderna, oferecendo uma sensação de controle e direção.

5.2 Tradição, profissão e gratidão

Entende-se de maneira geral que tradição são práticas passadas entre as gerações. Costumes que, na maioria das vezes não se sabe ao certo suas origens, mas que seguem um curso, pois como diz Ingold “a linha não tem fim”.

Aparicio Mena (2008) diz que as práticas tradicionais de saúde são formadas por símbolos, tradições e ideias que são seguidas pelos curandeiros para prevenir e tratar a doença e assegurar sua proteção e da comunidade a que pertence, assim pautado na proteção do coletivo. Nota-se que as práticas de curandeirismo, principalmente o curandeirismo presente no centro de Guadalajara, incorpora elementos e tradições de outras culturas e movimentos religiosos, por estarem exercendo suas funções e possuírem lojas em uma área comercial e turísticas, seu espaço de proteção está voltado ao mercado e a turistas que cruzam seus caminhos de forma passageira.

Os curandeiros aqui citados vêm de uma linhagem de tradição com bênçãos, mas ambos seguiram caminhos que os levaram a exercer outras práticas para além do tradicional, buscaram escolas espirituais ou massoterapia. Leslie relata que buscou aprender outras técnicas de leitura, pois ajudaria a entender qual abordagem tomar com o paciente. Assim, sendo incorporadas novas práticas o que torna o dom de Leslie misto/híbrido. René de La Torre (2012) explica que as práticas populares estão cada vez mais “eccléticas”, pois combinam elementos religiosos e simbólicos.

Os curandeiros têm a consciência de que suas capacidades e sensibilidades presentes desde a infância é um dom que perpassa gerações o que podemos considerar como uma tradição. Apesar da palavra não ser usada. Tanto Leslie, quanto Javier relatam que qualquer enfermidade que surgia, de uma gripe a uma diarreia, era tratado em casa. Javier relata “*nuca tomei um kaopectate*”²⁴. Eles explicam em que momento surgiram as fusões das práticas geracionais com as esotéricas, todos os curandeiros e a curandeira aqui presentes relataram sensibilidade com o sobrenatural desde a infância. Leslie diz que o que levou a buscar práticas alternativas, foi a insegurança de ter iniciado suas práticas muito jovens

Era insegura, tinha medo de fazer alguma leitura incorreta, minha mãe dizia que não era possível, porque era um dom [...] aprendi a fazer limpeza com minha mãe, ela que me ensinou a benzer e fazer limpezas com velas [...] leituras de cartas eu aprendi depois,

²⁴ Medicamento antidiarreico

[...] os trabalhos que faço em casa ou aqui eu aprendi, são para quebrar feitiço, aprendi com a santeria.

Leslie optou por não falar sobre seus trabalhos, mas disse que não faz o mal a ninguém. Assim o cuidado com os seus clientes vem sempre com questionamentos de que se já passou por um médico antes, se a resposta for positiva ela tem a certeza que o tipo de cura que o paciente precisa vai além do físico ou métodos menos agressivos.

Javier acredita que “parte dos dons que eu tenho vieram deles (seus avós) [...] meu avô conhecia muito de ervas e fazia limpezas”. Javier, começou ainda muito jovem a presenciar e ajudar seus avós fazendo limpeza, seu interesse em segui-los surgiu aos 18 anos, ele diz:

Aprendi muita coisa com eles, conheço muitas plantas, eu sempre gostei, mas só comecei a rezar aos 18, mas eu já estudava, muitas coisas eu aprendi por meio dos livros [...] eu faço leitura de cartas, eu considero um dom, por exemplo: sentir a energia das pessoas, se alguém está triste e traz consigo algum problema eu consigo perceber

Assim, ele diz que essa predisposição ao sentir facilitou a leitura de mãos e cartas e complementa “*considero que aprendi muito por meio de livros, e considero que é um dom que vai sendo dado a você.*” Nota-se a predisposição de sentir as pessoas, como em dona Lauzina. Javier continua “*acredito que sim, quando se sente é mais fácil de interpretar*”,

Ele complementa de que sempre dá uma garantia para os seus clientes, de que só recebe o pagamento quando o problema estiver solucionado ou quando a pessoa estiver melhor de saúde.

Também Luiz Alberto disse que seus dons vêm de gerações anteriores, mas não os presenciou desde a infância, ele se declara sensível a interpretação, mas que isso não foi discutido nem trabalhado na sua infância, mas foi reconhecer sua sensibilidade depois que foi visitar sua vó, como relatado anteriormente. Ele diz

Estava em um caminho escuro, eu já estava perdido e encontrei minha medicina nas plantas sagradas. [...] Sim, deixei muitas coisas, se puder dizer, mundanas, compromissos, amigos. Foi um reencontro e segui com experiências de círculos de medicina. Estudei, procurei escolas e conheci a escola holística tepatiane, encontrei aqui em Guadalajara. Nessa escola, comecei a ter videochamadas a distância, cursos, me explicavam tudo isso da magia, dos sanadores, como cada um se cataloga em uma rama. Agora posso te dizer que, em um ano e meio, sou constelador, reiki, curandeiro, Sobador, faço limpezas.

Ambos os curandeiros deixam claro em seus relatos que buscam explorar sua sensibilidade através das leituras e estudos, e para além dos seus dons eles buscam meios alternativos de adaptação e complemento para os seus dons. Como vimos anteriormente o processo de mescla das práticas tradicionais com as práticas alternativas, ganhou mais visibilidade e após a crescente inserção do movimento *New age* (nova era), porém a iniciação dos curandeiros aqui presentes se deu por motivos variáveis, mas sempre em busca de aprender novas práticas para “fortalecer” seus dons.

A experiência com as práticas de cura presente nas vidas dos curandeiros se deu em momentos e de maneiras distintas. Jovens ou não, iniciaram suas vidas na cura de maneira profissional, Leslie possui duas lojas de velas no mercado Corona, seu principal objeto de comércio está voltado para um de seus dons: fazer a limpeza com velas. Leslie diz que iniciou suas práticas em casa, mas abriu sua loja aos dezenove anos, ela diz que foi para o mercado Corona porque já tinha uma prima²⁵ que tinha uma loja no mesmo lugar, ela diz:

Vim para cá, porque já tenho uma prima com loja aqui. No início era somente a loja, mas depois comecei a fazer as limpezas e a tirar cartas aqui, coloco uma cortina para ser mais privado.

Questionei sobre os trabalhos que envolviam velas e ela disse

Teve um incêndio aqui há 10 anos e não há maneira de que possamos acender [velas] aqui. Desde o momento do início do trabalho que é acesso já não podemos apagar. Então, se nos leva a noite inteira, aqui não há quem monitore o trabalho. Se se apaga, eu tenho que voltar a acender. Então, se eu os trago aqui no local, não há maneira de que eu esteja monitorando o trabalho.

Também Javier divide seus locais de trabalho entre sua loja e sua casa, ele tem a loja há aproximadamente dez anos:

quando vim pra cá era criança, comecei vendendo ervas e depois conheci outras religiões comecei a vender imagens e amuletos [...] aqui tem um espaço para fazer as limpezas, faço mais limpeza energética, tirar as energias negativas te ajuda abrir seus caminhos, te ajuda a trazer sorte, dinheiro, amor. É o equilíbrio dos sete chakras. Na minha [loja], leio cartas e vejo a predisposição do que a pessoa vai passar [...] na minha casa eu faço oferendas.

²⁵ A partir dessa informação, pode-se ser tentado a fazer uma árvore genealógica do dom e teríamos aqui a confirmação do que ela falou antes de que a avó, tias, mãe e primas têm dons. Mas embora ela tenha dito que herdou da mãe que herdou da avó, não me foi dito mais que isso sobre o tema e as aptidões dos outros membros da família

Questionei de qual tipo e não me explicou apenas disse “*muitas coisas*”. Seguimos a Luiz Alberto, sendo o mais jovem a seguir os caminhos do curandeirismo e outras práticas, ele possui seu espaço no mercado San Juan de Díos, a cerca de seis meses, não sendo natural de Guadalajara, veio apenas para estudar e assim criou raízes na cidade. Luiz fala com gratidão pelas trocas e afirma serem bons professores e que construiu boas amizades e conseguiu seu local de trabalho por recomendação de um deles. Ele fala do seu trabalho “*todo meu trabalho é natural, faço limpezas, leitura de tarot, massoterapia com ventosas e reiki, e faço trabalhos com energia, abrir caminhos*” questiono se ele trabalha com ervas e ele responde:

Eu trabalho com energia, mas se a pessoa quiser fazer banho eu indico e eles podem comprar aqui [no mercado, ele completa] não me guio a fazer mal, mas, também, de vez em quando, se requer, ou se sente que é injusto, o que estão fazendo, não é fazer mal, simplesmente, defendê-lo, no modo energético.

Ele explica, que se a pessoa o procura para fazer um trabalho que faça mal a alguém ele não faz, porém se a pessoa que sofreu algum mal e o procurou para desfazer e solicitar que ele faça algum trabalho energético como forma de justiça ele faz.

Os curandeiros do mercado Corona já possuem uma larga experiência de trabalho no mercado Corona, diferente de Luiz, eles fazem seus horários de trabalho e seguem o ritmo do centro de Guadalajara, um local bastante turístico. Leslie trabalha de domingo a domingo, ela diz que aos domingos a demanda é menor, mas ela vai para organizar suas prateleiras e repor os objetos, ela possui uma ajudante, uma garota jovem que a ajuda nas vendas.

Já Javier diz que seu domingo é para descanso e fazer os seus próprios trabalhos, ele diz “*nós precisamos cuidar do nosso corpo e da nossa mente, eu faço minhas limpezas e tenho filho [...] esse lugar tem muita energia*” e evita faltar durante a semana e só não comparece ao mercado quando possui demandas em seu espaço fora do mercado, Javier também tem duas funcionárias que ajudam no atendimento e nas vendas. Diferente de ambos, Luiz trabalha sozinho, porém ele não possui uma loja e sim um espaço, onde realiza seus trabalhos. Luiz Alberto não vai ao mercado aos domingos e às segundas, ele explica que o movimento nas segundas é menor, e completa ao dizer que aos domingos frequenta um espaço de religião de tradição de matriz africana, e assim, prefere descansar.

Por ser um local com fluxo de turismo grande, ambos os curandeiros possuem uma farta rotatividade de clientes. Para Leslie, além da busca em sua loja, sua maior

procura é para tirar cartas e fazer limpezas, ela diz “*veem até mim, para limpezas, leituras de cartas [...] quando veem para quebrar algum feitiço é que já me conhece*”. Questiono sobre sua relação com os clientes e ela diz ser de respeito, busquei aprofundar e ela disse “*eles confiam, e garanto que todos os trabalhos dão certo, mas eles precisam confiar*”. Para Leslie a garantia vai além de seu dom e perpassa pela confiança de seus pacientes, ela completa “*todos tem meu contato, os que gostam me procuram novamente [...] acredito que estou aqui para ajudar e conversamos sobre eles*”. Vejo que a relação com seus clientes se constrói a partir das buscas, Leslie é extremamente reservada com sua vida pessoal para com seus clientes, limitando sua conversa para o outro.

Javier, como dito anteriormente, diz não cobrar até que seus trabalhos recebam retorno de que o cliente conseguiu o que desejava, ele diz

Minha relação com os clientes é de gratidão, tenho muitos relatos no meu telefone me agradecendo [...] eu não cobro até o cliente ter o resultado, acredito que isso deixa os clientes mais confiantes. Muita gente não confia, diz que somos bruxos e charlatões [...] faço isso para que eles saibam que não estou aqui pelo dinheiro.

Percebe-se que ele busca alternativa para conseguir a confiança de seus clientes, ele diz crer que pela área ser muito turística as pessoas os veem como aproveitadores. Javier que sua clientela é grande, mas “*mas tenho muitos que são fiéis e quem veio para fazer uma limpeza, voltou para fazer outros trabalhos de caminhos, de amor, de dinheiro*”. Luiz Alberto é tranquilo em falar sobre a relação com seus clientes, ele diz

É que cada cabeça é um mundo. Eu vou dizer, há muitos que se fazem porque são bem pagos, há outros porque gostam de fazer o que fazem, no meu caso, o meu é ajudar, não servir, por dizer, eu aqui nesse local, tenho uma conta, então, a base dessa conta e eu recebo. Muitas vezes eles não te podem cobrir, mas, se você está a ajudar, ah, bom, o que sair do seu coração. Não coloco um valor e me ajudam, porque me recomendam, eu chamo operação formiga, de pouco a pouco, as pessoas que já me conhecem, já são clientes, já muitos sabem que o dinheiro não vem primeiro.

Luiz possui falas distintas dos outros curandeiros, mostra-se maleável diante da situação com os seus clientes, ele afirma que está para ajudar, Luiz Alberto diz que possui muitos clientes, mas ele afirma que todos procuram para algo em específico.

Nota-se que os curandeiros possuem formas distintas de conduzir e construir uma relação com seus pacientes e com seu ambiente de trabalho, mas todos possuem um

respeito e reconhecimento pelos seus clientes, de maneira reservada como Leslie ou de maneira aberta como Javier e Luiz Alberto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As práticas de cura realizadas pelas rezadeiras e rezador dos povoados Farias e Lagoa dos Ferros e pelos curandeiros e curandeira dos mercados de Guadalajara, se apresentam como crenças que se movimentam para além dos seus espaços familiares e vão além de suas zonas. Ambas possuem movimentos no tradicional dos saberes que perpassam gerações, interpretam suas práticas como dons que ultrapassam seus corpos e se aprofundam nas relações comunitárias da cura. As rezadeiras/rezador constroem suas práticas em torno das relações e da gratuidade. Já os curandeiros/curandeira de Guadalajara estão em um ambiente turístico e urbano, uma zona comercial, onde mescla suas práticas tradicionais com o esotérico.

A presente dissertação apresenta as vivências das rezadeiras e rezadores com suas comunidades evidenciando a construção da pessoa ao personagem, a partir do papel espiritual que ambos possuem em seus povoados e em conjunto a vivência dos curandeiros que vai além dos seus espaços e se introduzem dentro do mercado de consumo e buscam diferentes alternativas para construir uma relação de confiança com seus clientes.

Nesse estudo levo como pano de fundo como dom e a dádiva discutidas por Mauss (2003) atribui às maneiras de agradecimento entre rezador e a pessoa que os procuram ao sistema do dar, receber e retribuir. Movimentos que legitimam as práticas tanto sociais, quanto de cura.

Também foi possível evidenciar a performance social das rezadeiras e rezador para com quem os procurava, não por possuir duas personalidades, mas por apresentar um papel da pessoa que possui o dom da cura, um papel que não está presente em seu dia a dia, assim, a partir desses papéis e interpretações há caminhos que se cruzam e relações de carinho e confiança se criam, assim as como explica Ingold (2015) as relações não se constroem por pontos “aqui” e “lá”, pelo contrário “é uma trilha ao longo da qual a vida é vivida” (INGOLD, 2015, p. 118), pois a vida está em constante movimento e construção, assim as pessoas que curam não agem de maneira solitária, mas em um fluxo de interações para além da sua família, mas com as práticas que atravessam as gerações e com o coletivo que vai além de seus lugares de origem. As práticas de cura atravessam outros espaços, comerciais ou não.

Dona Zuzinha, dona Lauzina e seu Zé, já eram conhecidos como “filho(a) de tal pessoa” e a partir do momento que começaram as práticas de benzimento ganharam notoriedade dentro de seus povoados. Suas relações pessoais eram “comuns”, mas no momento que receberam bençãos em formas de agradecimento “*obrigada, Deus lhe abençoes*” ou “*Deus te ajude*”, se tornaram comuns em suas vidas. As visitas se intensificaram e a postura ao receber o visitante variava de acordo com o que a pessoa procurava. Novos “tipos” de relações foram construídos, assim essas perspectivas tornaram-se evidentes e as práticas de cura herdadas” de seus pais, foram além das tradições e ganharam novas relações, que são atualizadas a cada procura de alguém de fora dos povoados.

As práticas das rezadeiras e rezador aqui presentes, tanto as relações e a construção do protagonismo se dão através de um sistema de relações e interações sociais, ou seja, o protagonismo das rezadeiras/rezador é construído pelo processo de interações com a comunidade. A persona deles surge e se desenvolve a partir dos movimentos de cura.

Já as práticas de curandeirismo vão além da cura tradicional e envolvem relações de confiança e gratidão. Os curandeiros destacam a busca por outros meios para se assegurarem que o cliente esteja recebendo o melhor tratamento, assim eles destacam a importância da garantia em suas práticas por serem práticas que envolvem pagamentos. Assim o curandeirismo busca movimentos distintos para construir uma relação com seus clientes, mas compartilha da mesma premissa e crença das rezadeiras/rezador aqui presentes, pois são práticas que estão vinculadas ao cuidado e na experiência e crenças compartilhadas. Assim interpreto o curandeirismo como além das gerações e sim como um sistema de práticas plurais que articula influências esotéricas e ancestrais.

As práticas de cura aqui presentes vão além do religioso e percorrem o mesmo caminho das relações, incluindo as trocas, “dar, receber e retribuir”, que estreitam a confiança, assim, entendo que a construção das relações não permanecem paradas ou circulam somente em torno de seus dons, mas se moldam pelos gestos de agradecimento, acolhimento, pelo ouvir e pela cura, o que deixa claro uma performance social, como Ingold (2022) permite dizer que a vida e as relações são linhas que se movimentam e se entrelaçam, onde a autoridade e o reconhecimento são construídos com o coletivo.

Assim, entre o gesto reza e a maneira de receber, percorre a dádiva da cura e do reconhecimento que se cruzam. Nas relações fincadas dentro da comunidade, dona Lauzina, seu Zé e dona Zuzinha (em memória) vivem e interpretam seus papéis sociais, onde demonstram seus valores coletivos, que moldam a autoridade a partir do prestígio da cura herdada e construída a partir de seus caminhos. A confiança construída na crença nas rezadeiras/rezador é um vínculo que se renova de maneira única e distinta em cada procura.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- APARÍCIO MENA, A. J. (2008). Cultura tradicional de salud y etnomedicina em Mesoamérica. Victoria: Trafford Publishing.
- AUSTIN, J. L. 1962a. How to do things with words. Harvard University Press (Traduzido por Danilo Marcondes de Souza Filho. Quando Dizer é Fazer – Palavras e Ação. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990)
- ASSUNÇÃO, Luiza Maria de; QUERINO, Rosimár Alves; RODRIGUES, Leiner Resende. A benzedura nos territórios da Estratégia Saúde da Família: percepções de trabalhadores, usuários e benzedores. Saúde em Debate, v. 44, p. 762-773, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sdeb/a/xCvw755JYqQjYvzghpdx9vC/> Acesso em: 02 ago. 2024
- BATISTA, Edione Rodrigues. Saberes, crenças e rezas que curam: a relação entre quem reza e quem é curado no município de Icapuí/CE. 2020. 114 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN Mossoró, 2020
- BAUER, Martin e GASKELL, George. Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático. Petrópolis/RJ, Editora Vozes. (Parte I. Entrevistas individuais e grupais (George Gaskell), p. 64; Entrevista narrativa (Sandra Jovchelovitch & Martin W. Bauer), p. 90, Entrevista episódica (Uwe Flick), p. 114.)
- BEAUD Stéphane; WEBER Florence. Guia para a pesquisa de campo: Produzir e analisar dados etnográficos. Rio de Janeiro: Vozes, 2007. (5. Preparar e negociar uma entrevista etnográfica, p. 118; 6. Conduzir uma entrevista, p. 134; Conclusão, p. 150)
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Diário de Campo: A antropologia como Alegoria. Brasiliense, 1982. 175 p. Disponível em: <https://apartilhadavida.com.br/livros/>. Acesso em: 12 dez. 2023.

COELHO, Ana Célia Rodrigues et al. Os principais desafios das políticas públicas de saúde para o enfrentamento das doenças crônicas não transmissíveis em municípios do Nordeste brasileiro. *Cadernos Saúde Coletiva*, v. 31, n. 2, p. e31020095, 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cadsc/a/xzLkqGLsQqhY8VpV4dxRbCh/> Acesso em: 01 ago. 2024

CONCEIÇÃO, Alaíze dos Santos. “O santo é quem nos vale, rapaz! Quem quiser acreditar, acredita!”: práticas culturais e religiosas no âmbito das benzeções. Governador Mangabeira–Recôncavo Sul da Bahia (1950-1970). 2011. Dissertação (Programa de pós-graduação em História) – Universidade Federal da Bahia, BA, 2011. CSORDAS, Thomas. *Corpo/significado/cura*. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2008. 463 p in.

CSORDAS T. *Corpo/significado/cura*. Porto Alegre: Ed. da UFRGS; 2008.

CURIEL, Enriqueta Valdez. El curanderismo en Zapotlán el Grande: práctica de exportación. *Estudios Jaliscenses, Guadalajara*, v. 53, n. 9, p. 23-35, ago. 2003. Disponível em: A1n%20el%20Grande. Acesso em: 29 nov. 2024.

HERTZ, Robert. A proeminência da mão direita: um estudo sobre a polaridade religiosa. *Religião e Sociedade*, vol.06, 1980. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3131843/mod_resource/content/1/Hertz_Pre_emin%C3%Aancia%20da%20m%C3%A3o%20direita.pdf Acesso em: 02 ago. 2024

INGOLD, Tim. *Estar vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição*. Rio de Janeiro: Vozes, 2015.

INGOLD, Tim. *Linhas: Uma breve história*. Petrópolis: Vozes, 2022. 225 p.

JACCOUD, Mylene; MAYER, Robert. A observação direta e a pesquisa qualitativa. In: POUPART, J. et al. *A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos*, Petrópolis, RJ: Vozes, 2014, pp. 254-294

- LANNA, M. Nota Sobre Marcel Mauss e o Ensaio Sobre a Dádiva. *Revista de Sociologia e Política*, Nº 14: 173-194 JUN. 2000.v
- LA TORRE, Renée de. Circuitos mass mediáticos de la oferta neoesotérica: new age y neomagia popular en Guadalajara. *Alteridades, Zinacantán*, v. 32, n. 16, p. 29-41, jun. 2006
- LA TORRE, Renée de; MORA, José Mamuel. Itinerarios creyentes del consumoesotérico. *Imaginário, São Paulo*, v. 7, n. 13, p. 211-240, abr. 2001
- LÉVI - STRAUSS, C. Introdução à obra de Marcel Mauss. In: MAUSS, M. Ensaio sobre a dádiva: com introdução à obra de Marcel Mauss por Claude Lévi-Strauss. Lisboa: Edições 70, p. 9-48, 1988
- LEWITZKI, Taisa. A Vida das Benzedeiras: Caminhos e Movimentos. 2019. 242 f. Tese (Doutorado) - Curso de Antropologia, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2019. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/60887>. Acesso em: 13 dez. 2023.
- MAGNANI, José Guilherme Cantor. Religião e metrópole. *Religiões e cidades: Rio de Janeiro e São Paulo*, p. 19-28, 2009. MALINOWSKI, Bronislaw. 1978[1922]. *Argonautas do pacífico ocidental*. In: *Coleção Os pensadores*. São Paulo: Abril Cultural p. 375.
- MARIN, Raquel Cornélio; SCORSOLINI-COMIN, Fabio. Desfazendo o “mau-olhado”: magia, saúde e desenvolvimento no ofício das benzedeiras. *Psicologia: ciência e profissão*, v. 37, p. 446-460, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/bKCcy6WKB3fb3TbZwWPK7DZw/?lang=pt&format=html> # Acesso em: 17 julho 20224
- MAUSS, Marcel. 2003. “Ensaio sobre a dádiva: forma e razão da troca nas sociedades arcaicas”. In: _ *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosacnaify, pp. 183.
- MELO, José Anchieta Bezerra de. Rezadeiras e rezadores das almas: um estudo sobre a vivência das religiosidades no sertão de Princesa. 2021. 213 f. Tese (Doutorado) - Curso de Sociologia, Universidade Federal de Paraíba, João Pessoa PB, 2021.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. Fundamentos de metodologia científica. 5. 2003. 310 p. ed. São Paulo: Atlas, Disponível em: http://docente.ifrn.edu.br/olivianeta/disciplinas/copy_of_historia_i/historiaii/china-eindia/view. Acesso em: 29 mar. 2024

DE MOURA, Elen Cristina Dias. Eu te benzo, eu livro, eu te curo: nas teias do ritual de benzeção. *Mneme-Revista de Humanidades*, 2011, vol. 12, no 29. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/mneme/article/view/980>. Acesso em: 07 ago. 2025

NERY, Vanda Cunha Albieri. Rezas, Crenças, Simpatias e Benzeções: costumes e tradições do ritual de cura pela fé. Encontro dos Núcleos de Pesquisas da Intercom, v. 6, 2006. Disponível em: <https://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/120415399193864084132347838529996558992.pdf> Acesso em: 31 jul. 2024

OLIVEIRA, André Luiz. História da saúde no Brasil: dos primórdios ao surgimento do SUS. *Revista Encontros Teológicos*, v. 27, n. 1, 2012. Disponível em: <file:///C:/Users/edis1/Downloads/lepidus,+Encontros+Teologicos+61.compressed.31-42>. Acesso em: 25 junho 20224

OLIVEIRA, Elda Rizzo de. O que é Benzeção. 2. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985. 110 p.

OTTONI, Paulo. John Langshaw Austin e a visão performativa da linguagem. *DELTA: Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada*, v. 18, p. 117-143, 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/delta/a/ysBDL9Cr4ZqBPP96MgkVyGG/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 02 ago. 2024

POSEY, Darrell A. Manejo da floresta secundária, capoeiras, campos e cerrados (Kayapó). In: POSEY, Darrell A. (Org.). *Etnoecologia dos Kayapó: a etnobiologia de um povo da floresta tropical*. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 1987. p. 173-196.

- POUPART, Jean. A entrevista de tipo qualitativo: Considerações epistemológicas, teóricas e metodológicas. In: POUPART, J. et al. A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos, Petrópolis, RJ: Vozes, 2014, pp. 215 -253.
- RESTREPO, Eduardo. Etnografia: Alcances, Técnicas y éticas. Bogotá: Envió, 2016. 100 p.
- RICHARDSON, Roberto Jarry et al. Pesquisa social: teoria, método e criatividade. São Paulo: Atlas, 1999 (Cap. 2 Conhecimento e método científico, p. 20-3)
- SANTOS, Edislaine Oliveira dos. Rezadeiras/Rezadores dos povoados Farias e Lagoa dos Ferros (BA): pertencimento, reconhecimento e o não processo de transmissão. 2022. 42 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Museologia) - Campus de Laranjeiras, Universidade Federal de Sergipe, Laranjeiras, 2022.
- SANTOS, M. H. B., Farias, J. C., Vieira, I. R., & Barros, R. F. M. et al. Tratando doenças da alma: etnobotânica urbana. Etnobiología, v. 18, n. 3, p. 78-93, 2020. Disponível <https://www.revistaetnobiologia.mx/index.php/etno/article/view/381> em: 20 jul. 2024 em: Acesso
- SANTOS, Francimário Vito dos. O Ofício das Rezadeiras: um estudo antropológico sobre as práticas terapêuticas e a comunhão de crenças em Cruzeta/RN. 2007. 196 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2007. SANTOS, Maria Roseli Sousa. Os saberes do cotidiano e a expressão do sagrado: um olhar para a religiosidade na Amazônia. Revista Sentidos da Cultura, v. 6, n. 10, p. 140-154, 2019. Disponível <file:///C:/Users/Acer/Downloads/belfares,+Maria+Roseli+Sousa+Santos+p+140+154>. Acesso em: 01 ago. 2024
- SANTOS, Sergiana Vieira dos. “Para as ondas do mar sagrado”: uma etnografia dos rituais de rezadeiras e rezadores de Delmiro Gouveia, em: sertão de Alagoas. 2018. 109 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Instituto de Ciências Sociais, Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2018.

- SCHONDUBE, Otto. Hierberos, Remedios y Curanderos: herencia de la medicina tradicional. Guadalajara: Gobierno del Estado de Jalisco, 2006. 173 p.
- SILVA, Araci Farias. O papel das rezadeiras como protagonistas de práticas simbólicas culturais. *Revista Espaço Acadêmico*, v. 21, p. 31-43, 2021.
- SILVA, Claudia Santos da. Rezadeiras: Guardiãs da Memória. In: *Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura*, 5., 2009, Salvador. V ENECULT. Salvador - BA: Enecult, 2009. nas
- SILVA, Regina Coeli Machado. A teoria da pessoa de Tim Ingold: mudança ou continuidade representações ocidentais e nos conceitos antropológicos? *Horizontes antropológicos*, v. 17, p. 357-389, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ha/a/zQt8RjgqCD4KsXxZXRz5w6d/> Acesso em: 30 jul. 2024
- SOUSA, Tanara Rosângela Vieira; LEITE FILHO, Paulo Amilton Maia. Análise por dados em painel do status de saúde no Nordeste brasileiro. *Revista de Saúde Pública*, v. 42, p. 796-804, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rsp/a/kLZ44scYVMPrXLLp7cQJnS/> Acesso em: 01 ago. 2024
- TEIXEIRA, Francisca Niédja Barros. Imposição de mãos: um estudo de religiões comparadas. 2009. 95 f. 2009. Tese de Doutorado. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) –Universidade Católica de Pernambuco, Recife.
- TRIGUEIRO, Aline. Uma análise introdutória à noção de fato social total em Marcel Mauss. *Augustus*, Rio de Janeiro, v. 8, n. 17, 2003. Disponível em: https://apl.unisuam.edu.br/augustus/pdf/ed17/rev_augustus_ed_17_01.pdf Acesso em: 01 ago. 2024
- TRINDADE, Deilson do Carmo. As Rezadeiras de Parintins Práticas, Rezas e Simpatias. Manaus: Edua, 2013. 196 p.

WEBER, Max. *Economia e Sociedade*. UnB. Brasília, 1991.

WISSENBAACH, Maria Cristina Cortez. Ritos de Magia e Sobrevivência sociabilidades e práticas mágico-religiosas no Brasil (1890-1940). 1997. 202 f. Tese (Doutorado) - Curso de História Social, História, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1997.